

Centro Interdenominacional de Teologia do Rio de Janeiro
Bacharel em Teologia
Disciplina – Apologética - Heresias
Professor – Eliel Queres – Thiago Coutinho
Aluno – Mesaque Melo de Oliveira

INTRODUÇÃO

A natureza e a necessidade da Apologética

Etimologicamente apologia quer dizer defesa significa primariamente uma resposta de defesa contra alguma acusação, ou denuncia. (...) A palavra apologia, no seu significado cristão, envolve a defesa da verdade cristã. Ela vai ao encontro duma acusação, explícita ou não, apresentando os fatos do caso e anotando as conclusões racionais que deles se tiram, como fez o apóstolo Paulo ao se defender diante do rei Agripa. Apologias particulares, ou especiais, são escritas (...), e neste vasto setor de literatura cristã, temos as Apologias de Justino Mártir e de Aristides, a *Contra Celsum* de Orígenes; a *Suma contra Gentiles*, de Tomás de Aquino; e *A Analogia da Religião*, do bispo Butler. A apologética, distingui-se da apologia é o estudo dos modos e meios usados na defesa da verdade cristã. Não é tarefa da apologética, como disciplina teológica, tratar deste ou daquele ataque particular desfechado () contra o cristianismo, (...). A apologética trata das relações da Fé cristã com a esfera mais vasta do conhecimento “secular” do homem – a filosofia, a ciência, a história, a sociologia, e as outras mais (...). Assim, a apologética, como disciplina teológica, torna-se uma espécie de inventário intelectual feito pelos pensadores cristãos, podendo-se descrevê-lo como tentando aferir seus predicados a luz do pensamento filosófico contemporâneo, e do conhecimento científico. A apologética religiosa geral trata de matérias tais como a defesa do conceito religioso ou teísta do mundo; trata de defender os argumentos da existência de Deus do problema do mal, do ataque aos conceito ateístas e agnósticos, e doutros mais. Tem parentesco, assim com aquilo que se chamava geralmente de “teologia natural” e com o que hoje é conhecido por filosofia da religião. A apologética religiosa geral trata forçosamente desses assuntos sem a ajuda da revelação especial. A apologética cristã, (...). (). Busca mostrar que a revelação como entendem os cristãos não é incompatível com o exercício da razão, e constitui sim, valioso auxílio e guia para razão humana no seu anseio de compreender as coisas; e, muito mais ainda, que a revelação não é uma ficção produzida pela imaginação de cristãos, e sim uma categoria baseada em fatos observáveis e em experiências identificáveis, quando corretamente interpretados. (). Nossa tarefa não é, dizem, argumentar sobre a existência de Deus, e sim confrontar os homens com Seu julgamento e misericórdia, não discutir se Deus nos deu uma revelação, mas dizer aos homens o que ela é. Agora, é verdade que a apologia não deve substitui o argumento pela pregação; e é igualmente verdade que grande parte da tarefa do apologista é declarar de modo explícito o que é o Evangelho, removendo as falsas interpretações (...). (ALAN RICHARDSON, B.D., 1958 p31-32-33-34-36-37)

Heresia

Heresia deriva da palavra grega háiresis e significa: "escolha", "seleção", "preferência". (Raimundo Oliveira 2002 p7)

Daí surgiu a palavra seita, por efeito de semântica. Do ponto de vista cristão, heresia é o ato de um indivíduo ou de um grupo afastar-se do ensino da Palavra de Deus e adotar e divulgar suas próprias idéias, ou as idéias de outrem, em matéria de religião. Em resumo, é o abandono da verdade. O termo háiresis aparece no original em Atos 5.17; 15.5; 24.5; 26.5; 28.22. Por sua vez, "heresia" aparece em Atos 24.11; 1 Coríntios 11.9; Gálatas 5.20 e 2 Pedro 2.1. O estudo da heresiologia é importante, sobretudo pelo fato de os ensinamentos heréticos e o surgimento das seitas falsas serem parte da escatologia, isto é, um dos sinais dos tempos sobre os quais falaram Jesus e seus apóstolos. O apóstolo Paulo, por exemplo, nos dois primeiros versículos do capítulo quatro da sua primeira epístola a Timóteo, escreve: "Mas o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinamentos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras, e que tem cauterizada a própria consciência". O apóstolo Pedro escreve também: "Assim como no meio do povo surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão dissimuladamente heresias destruidoras, até ao ponto de negarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade; também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme" (2 Pe 2.1-3).

Uma seita é identificada, em geral, por aquilo que ela prega a respeito dos seguintes assuntos: (Raimundo Oliveira 2002 p7-8)

A Bíblia Sagrada 2. A Pessoa de Deus 3. A queda do homem e o pecado 4. A Pessoa e a obra de Cristo 5. A salvação 6. O porvir. Se o que uma seita ensina sobre estes assuntos não se coaduna () com as Escrituras, podemos estar certos de que estamos diante duma seita herética. Entre as muitas razões para o surgimento de seitas falsas no mundo, hoje, destacam-se as seguintes: 1. A ação diabólica no mundo (2 Co 4.4). 2. A ação diabólica contra a Igreja (Mt 13.25). 3. A ação diabólica contra a Palavra de Deus (Mt 13.19). 4. O descuido da Igreja em pregar o Evangelho completo (Mt 13.25). 5. A falsa hermenêutica (2 Pe 3.16). 6. A falta de conhecimento da verdade bíblica (1 Tm 2.4). 7. A falta de maturidade espiritual (Ef 4.14). Esperamos, pois, que a leitura deste livro possa de alguma forma ajudar àqueles que estão à procura da verdade libertadora, Jesus Cristo (Jo 8.38).

Resumo Histórico do Jeovismo
(Raimundo Oliveira 2002 p55)

Charles Taze Russell, fundador da seita "Testemunhas de Jeová", nasceu no Estado da Pensilvânia, Estados Unidos, no ano de 1854. Perturbado pela doutrina das penas eternas, tornou-se simpatizante da doutrina adventista, a qual abraçou posteriormente. Como Russell possuía pontos de vista muito pessoais, principalmente quanto à maneira e ao objetivo da vinda de Cristo, não demorou haver divergência entre seus pontos de vista e os dos líderes adventistas. Nessa época, em parceria com um adventista de nome N.H. Barbour, escreveu um livro. Essa amizade, porém, durou pouco, pois logo se separaram, após uma acalorada discussão quanto à doutrina da expiação. Um ano após, em 1872, Russell lança os fundamentos do seu movimento, inicialmente com os nomes "Torre de Vigia de Sião" e "Arauto da Presença de Cristo".

As idéias de Russel
(Raimundo Oliveira 2002 p55)

Russell vivia em freqüentes choques com as autoridades e os tribunais, (...). Censurou as igrejas e seus líderes como porta-vozes do engano e como instrumentos do diabo. Para preparação dos seus discípulos, escreveu uma obra intitulada Estudos nas Escrituras, sobre a qual o próprio Russell declarou ousadamente que seria melhor que ela fosse lida do que lida a Bíblia sozinha. Contudo, mais tarde, ele mesmo chamou de "imatuross" alguns de seus escritos primitivos. Russell foi um homem de mau procedimento. Casou-se em 1879. Várias vezes foi levado ao tribunal por sua própria esposa, em face de maus tratos que sofria dele. Não podendo ela suportá-lo mais, abandonou-o em 1887, dele divorciando-se em 1913. Viu-se muitas vezes em apuros com a justiça devido a escândalos financeiros.

Joseph Franklin Rutherford (Raimundo Oliveira 2002 p55)

Charles Taze Russell morreu a 9 de novembro de 1916, sendo substituído pelo juiz Joseph Franklin Rutherford. Rutherford excedeu em muito a atuação do próprio Russell, fundador da seita. Logo no princípio da sua gestão, fundou a revista *Desperta*, com uma tiragem mensal que vai a um milhão de exemplares. Esteve por vários meses na cadeia por causa de alegadas "atividades antiamericanas", no início da entrada dos Estados Unidos na Primeira Grande Guerra. Isto contribuía mais para que Rutherford e seus seguidores tivessem maior ódio da "organização do diabo" (como tratavam toda e qualquer espécie de organização política ou religiosa que se opunha aos seus ensinamentos e às doutrinas). Rutherford morreu a 8 de janeiro de 1942, com 72 anos de idade.

Nathan H. Knorr (Raimundo Oliveira 2002 p55)

Com a morte de Rutherford, Nathan H. Knorr assumiu a liderança da seita. No início do seu mandato escreveu um ensaio com o título: "Testemunhas-de-jeová dos Tempos Modernos", com a afirmação: "Deus Jeová é o organizador de suas testemunhas sobre a terra". Prosseguindo, diz que o nome da organização deriva-se da passagem de Isaías 43.10: "Vós sois minhas testemunhas, diz Jeová".

Escravos de um Sistema (Raimundo Oliveira 2002 p56)

As Testemunhas-de-jeová demonstram um zelo incomum em tornarem conhecidas as suas doutrinas, pelo que se dedicam ao máximo à venda de livros e revistas, de porta em porta. Além de se dedicarem com afinco a esse trabalho, quase todos dão uma parcela de cooperação na disseminação das doutrinas da seita. W.J. Schenell, ex-testemunha, diz que as "testemunhas" ficam sob constantes pressões e com medo mortal dos seus líderes. Por exemplo: se não venderem suficiente literatura, serão rebaixados à "classe de maus servos", ou "servos inúteis".

Expansão da Seita (Raimundo Oliveira 2002 p56)

Já em 1949, o Anuário das Igrejas Americanas trazia o seguinte: "As testemunhas-de-jeová têm grupos em quase todas as cidades dos Estados Unidos, bem como em outras partes do mundo, com o propósito de estudar a Bíblia. Não fazem relatório de seus membros, nem anotam a assistência às reuniões. Reúnem-se em salões alugados e não constroem templos para o seu próprio uso". A maior parte dos seus esforços é gasta procurando alcançar pessoas já membros de igrejas evangélicas, cujos preceitos eles põem em dúvida por meio de ensinamentos subversivos. Envia os seus representantes para os campos missionários estrangeiros, onde, às vezes, entram em conflito com as autoridades.

A Doutrina da Trindade

Poucos aspectos da doutrina cristã têm sofrido tantos ataques das "testemunhas-de-jeová" quanto a doutrina da Trindade. (...). (Raimundo Oliveira 2002 p56)

O Cúmulo do Absurdo (Raimundo Oliveira 2002 p57)

"Satanás deu origem à doutrina da trindade" (Seja Deus Verdadeiro, p. 81). "Um contemporâneo de Teófilo na África Setentrional, o escritor latino chamado Tertuliano, da cidade de Cartago, defronte a Itália, escreveu uma defesa de sua religião e introduziu nos seus escritos a palavra trinitas, que quer dizer 'trindade'. Daquele tempo em diante a doutrina trinitária veio a infectar cada vez mais a crença dos cristãos professos. Tal doutrina é absolutamente alheia ao verdadeiro Cristianismo. Nem se encontra a palavra trias nas inspiradas Escrituras gregas cristãs, tampouco se acha a palavra trinitas, nem mesmo na tradução latina da Bíblia, a Vulgata" (Que tem Feito a Religião Pela Humanidade? p.261). "Ninrode casou-se com sua mãe Semíramis, e assim, num sentido, ele é seu próprio pai e seu próprio filho. Aqui está a origem da doutrina da trindade" (Russell, Estudos nas Escrituras).

Jesus Cristo Deus e Homem

Por volta de 300 dC., ventos de mudanças teológica estavam soprando por toda a igreja. (Eckman, James P. 2005 p40)

Discussões sobre a natureza da Trindade, a natureza de Jesus e a doutrina da salvação fizeram com que a igreja sistematizasse suas crenças e alcançasse o consenso sobre o ensino das Escrituras. No início dos anos 300 surgiu uma controvérsia em relação aos ensinamentos de um sacerdote do norte da África chamado Ário. Influenciado pelo racionalismo grego, Ário argumentava a favor do monoteísmo absoluto, negando a divindade de Jesus e afirmando sua condição de ser criado. Ário declarava (assim como faz hoje a seita religiosa Testemunha de Jeová): “Tempo houve em que Ele [Jesus] não existia” (J.N.D. Kelly, doutrinas centrais da fé cristã, p173). Portanto, Jesus possuía uma essência diferente do Pai. O envolvimento de Ário com o pensamento grego postulava que Deus, um espírito absolutamente indivisível, jamais se identificasse verdadeiramente com a humanidade – basicamente material. Os dois eram absolutamente inconciliáveis. Assim, a ponte sobre o abismo só poderia ser erigida por alguém dentro do tempo. Essa criatura era Jesus Cristo.

O imperador romano Constantino – um cristão que dera fim a perseguição da igreja no ano 313 dC. – convocou o Concílio de Nicéia em 325 para lidar com esse tumulto. Três posições estavam representadas em Nicéia: (Eckman, James P. 2005 p40)

Jesus possuía uma essência diferente do Pai (Ário); (2) Jesus possuía a mesma essência que o Pai (Atanásio); (3) A essência de Jesus era semelhante à do Pai (posição conciliatória). O debate foi acalorado e, não raro amargo. Mas o credo que Nicéia condenou abertamente Ário, considerando-o herege. Argumentando que Jesus era da mesma natureza do Pai, o credo niceno declarou que Jesus era o “verdadeiro Deus de verdadeiro Deus” (Wayne Grudem, Teologia sistemática, p 996). Ao negar um dos princípios centrais do arianismo, o concílio proclamou Jesus como “gerado, não criado” (ibidem).

A igreja dos séculos terceiro e quarto foi assolada pelos falsos ensinamentos que desafiava a divindade de Jesus e do Espírito Santo. (Eckman, James P. 2005 p41)

Fosse por meios dos ensinamentos de Ário ou dos chamados macedonianos ou pneumatômacos, o Filho e o Espírito eram considerados subordinados ao Pai. Com o objetivo de preservar a unicidade divina, outros argumentavam ainda que Jesus era homem adotado como filho de Deus; dessa forma ele não era eternamente o Filho. Outros afirmavam a existência do Deus único revelado de três modos distintos – Pai, Filho e Espírito. Para decidir a questão, a igreja fez a pergunta: “É isso que as Escrituras ensinam?”. Mais especificamente, que palavras precisas e descritivas poderiam evitar a heresia quando chegasse à hora de explicar o relacionamento entre o Pai, Filho e Espírito? A igreja teve que lidar com essas questões até o século quinto.

A doutrina ortodoxa da trindade foi o resultado de uma série de debates e concílios, ocasionados, em grande parte, por ensinamentos heréticos provenientes da própria igreja. (Eckman, James P. 2005 p41)

A colaboração de três amigos – os três capadóccios -, Basílio de Cesaréia (c.330-79) Gregório de Nazianzo (c. 329-89) – e Gregório de Nissa (c.330-94) – produziu a vitória sobre muitas dessas heresias. Deus os usou de uma maneira poderosa para formular a verdade a respeito do relacionamento entre as pessoas da Trindade. Até o surgimento do liberalismo religioso moderno no século 18, suas obras forneceram estruturas definitiva para o pensamento e o discurso sobre o Deus trinitário que adoramos.

Conceito Inconsistente

(Raimundo Oliveira 2002 p57)

O ensino jeovista de que Tertuliano inventou a doutrina da Trindade é injusto, tendencioso e mau. Viria ao caso perguntarmos: "Newton inventou a lei da gravidade ou simplesmente elucidou-a?" A mesma pergunta deve ser feita quanto à pessoa de Tertuliano relativamente à doutrina da Trindade: "Tertuliano inventou a doutrina da Trindade ou simplesmente interpretou-a?" Por exemplo, o fato de Martinho Lutero ter defendido a doutrina da justificação pela fé e a do sacerdócio universal dos crentes não significa que ele as inventou. É evidente que a palavra trindade não se encontra na Bíblia, como também nela não se encontram expressões como "testemunhas de-jeová" e "Salão do Reino", porém, a Bíblia contém a idéia básica da doutrina da Trindade. Não descartamos a possibilidade de que Tertuliano tenha sido o primeiro dos escritores da Igreja a usar a palavra Trindade (três em um), com o objetivo de dar forma a uma verdade implícita do Gênesis ao Apocalipse. Devemos ter em mente, no entanto, que descobrir uma verdade não é a mesma coisa que inventar a verdade. A verdade não se inventa, descobre-se.

A pedra de toque da ortodoxia teológica é a pessoa de Cristo. Tanto sua divindade quanto sua humanidade devem ser afirmadas; caso contrário, toda doutrina da salvação é afetada. (Eckman, James P. 2005 p42)

Um dos problemas da igreja primitiva foi explicar de que maneira a divindade e a humanidade se relacionam. De que maneira essas duas natureza se misturam em determinado ponto de sua vida terrena? Ele era mais Deus ou mais homem? De que maneira deve-se enxergar a união dessas duas naturezas numa pessoa? O debate sobre as duas naturezas de Jesus inquietou a igreja por mais 300 anos quando finalmente, em 451, no concílio da Calcedônia, foi escrita a declaração definitiva sobre as duas naturezas de Jesus.

Uma frase muito repetida em igrejas e movimentos cristãos e a seguinte: "O cristianismo é Cristo". (Olson, Roger E 2004 p314)

Isso simplesmente é outra maneira de afirmar que Jesus Cristo é a realidade mais importante para o cristianismo, motivo pelo qual crer corretamente nele é crucial para preservar o cristianismo autêntico. Quando o Conselho Mundial de Igrejas [CMI] se tornou uma organização inclusiva para a cooperação entre mais de cem denominações cristãs no mundo todo, foi levantada e seriamente considerada a questão sobre o critério para filiação.

Apesar da concordância geral em torno da afirmação de Jesus Cristo como Deus e Salvador, persistem problemas para a reflexão e explicação teológicas. (Olson, Roger E 2004 p316)

Que significa dizer que uma pessoa é tanto Deus quanto homem? Alguém pode crer que Jesus Cristo é uma mistura de humanidade e deidade (), ou tem de concordar com os concílios cristãos antigos que proclamaram as duas naturezas dele? Varias perguntas e problemas que cercam a pessoa de Jesus Cristo surgiram e ainda surgem entre os cristãos. Na década de 1980, uma das maiores denominações protestantes nos EUA debateu a obrigatoriedade da crença a da afirmação da divindade de Jesus Cristo pelo clero ordenado. No Canadá surgiu uma controvérsia em torno de um dirigente de uma grande organização protestante que parecia nesta doutrina cristã central e histórica. Entre cristãos mais conservadores ainda surgem de vez em quando perguntas sobre a humanidade de Jesus.

Teria sido possível que ele adoecesse? Que pecasse? Essas perguntas parecem especulativas e às vezes desperdiçam tempo. Porém estão, relacionadas à questão maior de quem é Jesus Cristo. (Olson, Roger E 2004 p318)

O cristianismo é Cristo. Quem é Cristo? Que é Cristo?

Os mais antigos instrutores da fé cristã – os pais dos primeiros séculos – enfrentaram dúvidas sobre a verdadeira humanidade de Cristo e, na seqüência, sobre sua verdadeira divindade. Especialmente os gnósticos questionaram se o Salvador celestial poderia ser verdadeiramente humano. (...) Nos tempos modernos, as principais questões que cercaram a pessoa de Cristo se relacionam com sua divindade. Quase ninguém questiona a humanidade de Jesus; muitos teólogos liberais questionam sua divindade ontológica (respeitante a sua substância e seu ser).

Talvez a divindade dele não seja nada além da sua função em nome de Deus como representante humano da Divindade? (Olson, Roger E 2004 p318)

Ao longo da história, a igreja cristã permitiu maior diversidade em outras áreas da fé.

Não há nenhum dogma sobre a natureza e a existência humana que unifique a todos os cristãos (...). A fé cristã sobre os sacramentos e o fim dos tempos, a segunda vinda de Cristo e o chamado milênio é praticamente tão diversa quanto se pode imaginar. Porém, quando chegamos à doutrina da pessoa de Cristo – cristologia – tem-se uma doutrina muito mais nítida e obrigatória mesmo em relação aos detalhes, ainda que alguns teólogos modernos a () questionem. Isso porque os bispos da igreja cristã se encontraram em três concílios universais durante os séculos IV e V para burilar a doutrina unificadora sobre Jesus Cristo, opondo-se às crescentes ondas de heresias que surgiram na igreja. Quase todos os grandes reformadores protestantes do século XVI abraçaram e afirmaram o consenso dos primeiros quatro concílios ecumênicos.

O consenso cristão sobre Jesus Cristo

Expor o consenso cristão sobre a pessoa de Jesus Cristo é mais simples e direto que praticamente qualquer outro tópico da fé cristã. (Olson, Roger E 2004 p319)

O quarto concílio ecumênico (universal) de bispos cristãos reuniu-se (...) – em 451 na cidade do Império Romano conhecida por Constantinopla (hoje Istambul). O concílio elaboraram uma definição da fé cristã correta, unificadora, que encerrou uma longa controvérsia entre cristãos e se tornou a declaração cristológica ortodoxa para todos os cristãos (ortodoxos orientais, católicos romanos, a maioria protestantes) por mais de quinze séculos. Nos séculos XIX e XX, pensadores protestantes de tendência liberal levantaram questões sobre o idioma e os conceitos da *Definição de Calcedônia* (chamada equivocadamente de *Credo de Calcedônia*), mas ela sobreviveu até o século XXI como declaração unificadora da maioria dos cristãos. Até mesmo as organizações eclesiásticas que evitam credos formais e declarações doutrinárias são devedoras a ela e se apóiam nela sempre que declaram ser Jesus Cristo, ao mesmo tempo, Deus e homem e, não obstante, um só Salvador e Senhor. *A Fórmula de Calcedônia* é considerada oficial pelas igrejas Ortodoxas e Católica Romana, bem como por quase todos os luteranos, pelos cristãos reformados (e.g., presbiterianos), pelos episcopais/anglicanos (Igreja da Inglaterra) e por outros ramos menores do protestantismo. As numerosas igrejas protestantes sem credo e não-confessionais – como a maioria dos batistas, pentecostais e outros evangélicos independentes – talvez não recitem formalmente a *Definição de Calcedônia* nem a imprimam em seus manuais de culto ou em suas declarações de fé, mas geralmente afirmam seu conteúdo

A Definição de Calcedônia constitui esta seguinte afirmação cristológica: (Olson, Roger E 2004 p320)

Fiéis aos santos pais, todos nós [do Concílio de Nicéia e do Concílio de Constantinopla], perfeitamente unânimes ensinamos que se deve confessar um só e o mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo; consubstancial [*homoousios*] ao Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; “em todas as coisas semelhantes a nós, excetuando o pecado”, gerado, segundo a divindade, por nós e para nossa salvação, gerado da Virgem Maria, mãe de Deus [*Theotokos*]. Um só é o mesmo Cristo, filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis, imutáveis, conseqüentes e indivisíveis. A distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, mas pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência (*hypostasis*); não dividido ou separado em duas pessoas, mas um só e mesmo filho Unigênito, Deus Verbo, Senhor Jesus Cristo, conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o credo dos pais nos transmitiu.

Este modelo da pessoa (...) baseados nos escritos de vários pais e líderes eclesiásticos influentes e, integralmente coerente com a Bíblia, é conhecido na teologia cristã como a doutrina da *união hipostática*. (Olson, Roger E 2004 p320)

União refere-se à união de duas naturezas; hipostática refere-se à pessoa única do Filho de Deus, o Logos que se tornou humano na encarnação por intermédio do Espírito Santo e de Maria. Assim, a união hipostática representa a crença na união perfeita de duas naturezas distintas, mas nunca separadas – humana e divina – em uma só pessoa divina integral e eterna. Os pais e bispos reunidos em Calcedônia pareciam dizer que enquanto a doutrina da Trindade diz que Deus *é um o que em três quens* – uma substância divina compartilhada igualmente por três pessoas distintas – assim Jesus Cristo na terra e agora no céu por causa da encarnação é dois o quês e um quem – duas naturezas distintas mas nunca separadas (divina e humana), integradas a uma só pessoa, o filho eterno de Deus, a segunda pessoa da Trindade. Jamais tiveram a intenção de que esse modelo fosse uma explicação do ministério de encarnação..

Será que a crença na união hipostática encontra apóio na revelação divina e nas tradições cristãs mais antigas? (Olson, Roger E 2004 p321)

Sim, ela é encontrada, ainda que não tenha sido formulada em parte alguma, nem nas Escrituras nem nas primeiras gerações de pais pós-apostólicos. O evangelho de João começa com uma vigorosa afirmação da encarnação: aquele que estava “com Deus e era Deus” tornou-se homem (Jo 1). Contudo, o evangelho de Lucas refere-se à mesma pessoa na terra aumentando em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens (desenvolvimento humano normal) (Lc 2:52). Jesus Cristo agiu como Deus perdoadando o pecado das pessoas e foi condenado em seu julgamento por se tornar igual a Deus.

(...). Celso (filósofo romano anticristão de meados do século II) ridicularizou os cristãos por cultuar um ser humano como Deus: (Olson, Roger E 2004 p322)

Ora, se os cristãos adorassem apenas um Deus, eles poderiam ter a razão a seu lado. Mas de fato adoram um homem que só apareceu recentemente. Não consideram que estão fazendo ruptura do monoteísmo. Pelo contrário, pensam ser perfeitamente coerente cultuar o grande Deus e cultuar seu servo como Deus. e a adoração desse Jesus é a mais ultrajante, porque se recusam a prestar atenção a qualquer conversa sobre Deus, o pai de tudo, a menos que inclua uma referencia a Jesus: diga-lhes que Jesus, o autor da insurreição cristã, não foi filho dele, e eles não darão atenção a você. E quando eles o chamam filho de Deus, não estão de fato prestando homenagens a Deus, pelo contrario, estão tentando elevar Jesus às alturas.

(...). O influente pai de igreja latino teólogo Tertuliano, do final de século III, escreve sobre a encarnação da Palavra (Logos, Filho de Deus) como Jesus Cristo: (Olson, Roger E 2004 p323)

Portanto a Palavra é encarnada; e esse deve ser o ponto de nossa indagação: Como a Palavra se tornou carne – por ter sido transfigurada, por assim dizer, na carne, ou por se ter, de fato, revestido de carne? Com certeza foi pelo verdadeiro revestimento de carne. Quanto ao mais, devemos crer, necessariamente, que Deus é imutável e incapaz da forma, por ser eterno. Mas a transfiguração é a destruição do que previamente existiu. Porque tudo o que é transfigurado em outra coisa deixa de ser o que tinha sido, e começa a ser o que anteriormente não era. Porém, Deus nem deixa de ser o que era, nem pode ser outra coisa além do que é. A Palavra é Deus.

Tertuliano prossegue argumentando que a encarnação não deve significar que a Palavra (segunda pessoa da Trindade) se transformou em um ser humano, porque então ela já não seria o que era – Deus: (Olson, Roger E 2004 p324)

Pelo contrario, Jesus Cristo deveria ter sido de “duas substância” – a substancia divina da Palavra (eterna) e a substancia humana do homem (mortal). Essas duas substâncias, segundo o pai norte-africano, não podem se confundir. Pelo contrário Vemos nitidamente [em Jesus Cristo] a dupla condição que não é confundida em uma só pessoa – Jesus, Deus e homem. No que diz a respeito a Cristo, de fato postergo o que tenho a dizer. (observo aqui) que a propriedade da cada natureza é preservada tão integralmente que, por um lado, o Espírito fez todas as coisas em Jesus adequadas a ele próprio, como os milagres, prodígios e maravilhas; e que, por outro lado, a carne apresentou as afeições que lhe são próprias.

Por volta da mesma época em que Tertuliano escreveu sobre as convicções cristãs (...), Orígenes escrevia como filósofo cristão na parte oriental daquela região do Império Romano, de idioma grego. (Olson, Roger E 2004 p324)

Em sua grande exposição da filosofia cristã intitulada *Peri archôn* [Das doutrinas principais], o pensador de Alexandria explicou a encarnação de Cristo como a união de duas naturezas na pessoa uma da palavra eterna, o Filho de Deus (cap.6) como Tertuliano, Orígenes teve grandes dificuldades para distinguir as duas naturezas – a humana e a divina – em Jesus Cristo, preservando, porém, a pessoa unificada. Recorreu à analogia do ferro na brasa, no qual se une duas substância completamente distinta como se pode observar no agulhão que fica incandescente com o calor – embora permaneçam distintas.

Ainda outro grande cristão norte-africano, Agostinho de Hipona, expressou uma interpretação pré-calcedoniana de Jesus Cristo que antecipou a doutrina da união hipostática. (...), esse grande bispo escreveu: (Olson, Roger E. 2004 p324-325)

Motivo pelo qual Cristo Jesus, o Filho de Deus, é Deus e homem. É Deus antes de todas as eras; homem em nosso tempo. Ele é Deus porque a Palavra de Deus, porque o Verbo era Deus. Porém, ele é homem, pois em sua pessoa foram unidas a Palavra uma alma racional e um corpo. Portanto, na medida em que ele é Deus, ele e o Pai são um; mas na medida em que ele é homem, o Pai é maior que ele. Uma vez que ele foi o único Filho de Deus, não por graça, mas por natureza, para que ele também ficasse cheio de graça, ele se tornou igualmente o Filho do Homem; e o mesmo, único Cristo, é resultado da união de ambos [...] Ser Deus e homem não fez dele dois filhos de Deus: Deus sem começo, homem com começo definido – nosso Senhor Jesus Cristo. Seria possível prosseguir com o coro dos grandes pensadores cristãos, teólogos, bispos e reformadores que afirmaram a união hipostática das naturezas de Cristo.

Somente com o surgimento do protestantismo liberal no século XIX foram submetidas ao ataque a união hipostática e a *Definição de Calcedônia*, encontrando a rejeição nas principais igrejas da Reforma. (Olson, Roger E 2004 p326)

Ela se tornou um forte ponto de divergência entre os protestantes conservadores e liberais ao longo de boa parte do século XX. Teólogos conservadores tão diferentes quanto Karl Barth, da Suíça, e Carl F. H. Henry, dos EUA, defenderam o modelo básico de Calcedônia acerca () da pessoa de Jesus Cristo como essencial para fé cristã autêntica.

Pode-se dizer sem grande temor de contradição que por dois mil anos de cristianismo reinou suprema entre a maioria dos cristãos a crença em “uma pessoa, duas naturezas” de Jesus Cristo. (Olson, Roger E 2004 p327)

O cristianismo afirma que esse homem de Nazaré que morreu na Palestina, quase dois mil anos atrás em uma cruz romana, e ressuscitou dos mortos é tanto verdadeiramente Deus quanto verdadeiramente humano, porém não uma mistura dessas duas essências – divina e humana – mas a união delas em uma pessoa completamente integrada, a pessoa do filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade.

Rejeição da Divindade de Cristo
(Raimundo Oliveira 2002 p59)

Quanto à Pessoa e à divindade de Jesus Cristo, dizem os jeovistas: "Este [Jesus Cristo], não era Jeová Deus, mas estava 'existindo na forma de Deus'. Como assim? Ele era uma pessoa espiritual, assim como 'Deus é Espírito'; era poderoso, mas não Todo-poderoso como o é Jeová Deus: também ele existia antes de todas as outras criaturas de Deus porque foi o primeiro filho que Jeová Deus trouxe à existência. Por isso é chamado 'o Filho unigênito' de Deus, porque Deus não teve associado ao trazer à existência o seu unigênito Filho...Ele não é o autor da criação de Deus; mas, depois de Deus o haver criado como primogênito, usou-o como seu obreiro associado ao trazer à existência todo o resto da criação" (Seja Deus Verdadeiro, pp. 34,35). Em resumo, o que se conclui deste ensino herético é que Jesus Cristo: a. não é Deus; b. em sua vida humana foi simplesmente uma pessoa espiritual; c. não é Todo-poderoso; d. foi criado pelo Pai, como criadas foram as demais coisas; e. não é o autor da Criação.

Deve-se "Crer na Trindade?"

Esta é a pergunta (...) de uma brochura das Testemunhas de Jeová, que (...) argumenta que a Trindade e uma doutrina apóstata, inspirada pelo Diabo, e que resultou da influência do paganismo sobre o cristianismo. (...) (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p7)

Os trinitários ou trinitaristas (os que crêem na Trindade) mantêm com muita firmeza e sem meios-termos a fé num só Deus. O Pai, o Filho e o Espírito Santo não são três deuses. O Deus adorado pelos trinitários é o Deus único e exclusivo; não reconhecem nenhum outro deus. Jesus não é outro deus lado a lado com Deus: Ele é Deus, juntamente com o Pai e o Espírito Santo.

As Testemunhas de Jeová freqüentemente criticam a Trindade como se essa doutrina negasse a unicidade de Deus. Por exemplo: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p12)

“... a doutrina da Trindade e falsa, que o Deus Onipotente se destaca como um ser separado, eterno e todo poderoso” (pág.3:) (...). O ensino bíblico de que “somente Deus é o Todo Poderoso, o Criador, separado e distinto de qualquer outra pessoa” (pág.12), é considerado pelas Testemunhas de Jeová uma contradição da Trindade, mas, (...). O escritor antitrinitarista, L. L. Paine, é citado com aprovação quando critica a doutrina da Trindade por afastar-se do “monoteísmo estrito” da Bíblia (pág.12) – a despeito do fato de sustentar o trinitarismo, rigorosamente, o monoteísmo. Fazem a pergunta:

“Será que honra a Deus chamar a alguém de Seu igual?” (pág. 30), como se a Trindade ensinasse que Jesus era uma pessoa separada de Deus, porém igual a Ele, ao passo que a Trindade ensina que Jesus é Deus. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p12)

Ironicamente, são as Testemunhas de Jeová que negam o monoteísmo, Acreditam que além do “único Deus verdadeiro” (João 17.3), e além dos muitos deuses falsos, existem muitas criaturas que, são corretamente honradas como deuses abaixo de Jeová Deus. (...). Por enquanto temos concentrado a nossa atenção em explicar a intenção dos trinitaristas ao declararem que a Trindade é “um só Deus.” Mas a declaração de que esse Deus único refere-se a “três pessoas” também tem sido mal compreendida. É comum a pressuposição de que “pessoa” seja empregada para referir-se a um ser individual *separatio*, o que daria a entender que três pessoas divinas fossem três divindades. A crença em três deuses, chamada triteísmo, sempre tem sido condenada pelos cristãos trinitaristas.

Por Jeová e Contra Cristo

Quanto à Pessoa de Cristo, a doutrina das "testemunhas-de-jeová" é essencialmente ariana, e se identifica muito bem com diferentes correntes heréticas surgidas nos primeiros séculos da história da Igreja. (Raimundo Oliveira 2002 p59)

(...) o Credo de Atanásio condena com clareza, o triteísmo. Se “pessoa” fosse usada no sentido de um ser individual separado, nesse caso os trinitaristas confessariam francamente acreditar que Deus é uma só “pessoa.” (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p14)

Os trinitaristas reconhecem que Deus fala na Bíblia como uma só “pessoa,” no sentido de um único ser pessoal quando se dirige à raça humana ou quando fala do Seu relacionamento com o mundo. Sendo assim, Deus se refere a Si mesmo com o pronome “Eu,” e os seres () humanos dirigem-se a Ele como “Tu,” no singular; Esse fato não é nenhum impedimento para a crença trinitarista, mas se encaixa com perfeição, pois os trinitaristas acreditam que as três “pessoas” são um único ser divino.

Nenhum trinitarista duvida que enquanto Cristo esteve na Terra, vivia em submissão a Deus Pai. O Pai no céu era exaltado, enquanto o Filho era humilde; o Pai era maior do que Cristo (João 14.28). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p15)

A natureza humana de Cristo não era divina em si mesma; a humanidade de Cristo foi criada e, portanto, Cristo como homem tinha de honrar o Pai como Seu Deus. Por isso, o Credo Atanasiano declara que Cristo é "igual ao Pai no tocante à sua deidade, e inferior ao Pai no tocante à sua humanidade." Não há dúvida, da perspectiva trinitarista, de que Cristo, como homem, estava em submissão ao Pai.

Parece, no entanto, que essa submissão transcende a vida histórica de Jesus na Terra, (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p15)

Ele foi enviado ao mundo pelo Pai (1 João 4.9), o que subentende (...) que Cristo estava em submissão ao Pai antes de tomar-se homem. Mas, ao tomar-se homem, tomou-se um servo de Deus (Fp 2.8), o que dá a entender que Ele não estava naquele relacionamento (entre servo e senhor) com o Pai antes de tomar-se homem. Depois da Sua ressurreição e ascensão, Jesus continuava a referir-se ao Pai como Seu Deus (João 20.17; Ap 3.12) e a considerar Deus Pai como Seu “cabeça” (cf, 1 Co 11.3).

Os trinitaristas têm várias maneiras de explicar esses fatos, mas todos concordam entre si quanto às conclusões que seguem. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p16)

Primeira: o Filho sempre foi distinto do Pai, e Ele sempre o será. Segunda: na Sua natureza humana, Cristo sempre honrou o Pai como Seu Deus. (Os trinitaristas crêem que Jesus ressuscitou dentre os mortos como um homem glorificado, e não um espírito imaterial - como as Testemunhas de Jeová ensinam). Terceira mesmo antes de tomar-se homem Cristo Se dispôs a representar o Pai diante dos homens e buscava honrar ao Pai. Quarta: na Sua natureza divina Cristo sempre foi plenamente Deus, igual ao Pai na natureza essencial e nos atributos, e sempre o será. Quinta; na Sua humanidade Cristo tem um relacionamento com Deus diferente daquele que tinha antes de tomar-se homem. Sendo assim, Cristo na Sua natureza divina, é essencialmente igual ao Pai, embora no relacionamento (ou funcionalmente) subordinado ou submisso ao Pai, mormente depois de tomar-se homem.

Interpretações alternativas acerca de Jesus Cristo.

Jesus é criatura?

As testemunhas de Jeová negam que Jesus é o Criador, e argumentam em Deve-se Crer na Trindade? (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p67)

que “a Bíblia diz claramente que na sua existência pré-humana, Jesus era um ser espiritual criado, do mesmo modo como os anjos são seres espirituais criados por Deus” (pág. 14). Para apoiar essa alegação, a brochura cita Provérbios 8.22; Colossenses 1.15; e Apocalipse 3.14. Os arianos, querendo ensinar a mesma coisa, citavam esses mesmos textos, especialmente Provérbios 8.22. (...).

Jesus é uma sabedoria criada?

Provérbios 8.22 [TNM], onde a Sabedoria está falando; começa assim: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p67)

“O próprio Jeová me produziu como () princípio do seu caminho...” As testemunhas alegam que aqui, no tocante à Sabedoria, “a maioria dos peritos concorda que se trata realmente de uma figura de linguagem que se refere a Jesus e sua condição de criatura espiritual anterior à sua existência como humano,” e concluem que o Jesus pré-humano foi criado (pág. 14).

Há vários motivos porque essa interpretação deve ser rejeitada. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p68)

Em primeiro lugar, a palavra que as testemunhas de Jeová traduzem por “produziu,” e que algumas versões até mesmo traduziram por “criou,” é qanah em hebraico. Essa palavra é empregada freqüentemente em Provérbios, nunca com o significado de “criar,” mas sempre de “adquirir” ou “comprar,” ou seja: adquirir com dinheiro (Pv 1.5; 4.5, 7; 8.22; 15.32; 16.16; 17.16; 18.15; 19.8; 20.14; 23.23). Esse também é o seu significado consistente em cerca de 70 outras ocasiões em que a palavra é empregada no restante do Antigo Testamento. Em segundo lugar, a “sabedoria” é personificada, não somente em Provérbios 8.22-31, mas na totalidade de Provérbios caps, 1-9. Nada em Provérbios 8.22-31 sugere que essa é uma “sabedoria” diferente daquela que é aludida nos capítulos anteriores e posterior. Se, portanto, entendermos que 8.22 fala literalmente a respeito de Cristo, devemos também tomar por certo que Cristo é uma mulher que grita na rua (1.20-21), e que mora com alguém chamado “Prudência” (8.12) numa casa de sete colunas (9.1) Em terceiro lugar, o texto pode ser lido com toda a naturalidade como um todo poético de dizer que a Sabedoria preexistia eternamente com Jeová. Nos capítulos anteriores, Salomão tinha conclamado seu filho a “adquirir” (qanah) sabedoria (Pv 4.5, 7), e esse desafio é continuado nos capítulos posteriores,(16.16; 17.16; 19.8). Em () Provérbios 3:19-20, Salomão declara resumidamente que Deus exerceu sabedoria na Sua obra de criação.

Em todas as partes de Provérbios capítulos 8 e 9, a sabedoria é personificada como uma mulher que convoca os habitantes da cidade a aceitarem dela instrução (cap,8) e a ir comer à sua mesa na sua casa (cap. 9). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p69)

No meio desse trecho altamente poético de Provérbios, surge um (8.22-31) que fala a respeito de Deus adquirindo (qanah de novo) sabedoria antes das suas obras, e de ter Ele criado o mundo através da sabedoria - obviamente um paralelo com o significado de 3.19-20, e que deve, com igual clareza, ser entendido como uma personificação de um dos próprios atributos de Deus: a sabedoria.

Conforme Derek Kidner expressou o caso tão bem no seu comentário sobre Provérbios: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p69)

"... esta passagem faz sentido excelente ao nível da metáfora: i.é, como modo poderoso de dizer que, se nós nada podemos fazer sem a sabedoria, o próprio Deus não criou nada, nem agiu, sem ela. A sabedoria através da qual se faz o uso devido do mundo, não é outra senão aquela sabedoria através da qual ela existe," (1) É improvável, no entanto, que Provérbios 8.22-31 deva ser entendido como uma descrição de Cristo, (...). Mesmo supondo, portanto, que Provérbios fosse uma descrição de Cristo, seria um erro tão grande argumentar na base de Provérbios 8.22 que Cristo foi criado, como argumentar na base de 2 Samuel 7.14 que Cristo seria um pecador! Na realidade, seria um erro mais grave, pois Provérbios 8.22, cuidadosamente interpretado, não está mesmo asseverando uma origem criada da sabedoria, conforme temos demonstrado. Mesmo se aquilo que é dito a respeito da sabedoria em Pv 8.22-31, seja aplicado de algum modo a Cristo, seria uma afirmação poética de Ele sempre existir, e não uma prova de que Ele foi criado.

"O Primogênito de toda a criação"

Em Colossenses 1.15 Cristo é chamado "o primogênito de toda a criação. Essa expressão é citada na brochura da Torre de Vigia (...), tomando por certo, sem dúvida, que será entendido no sentido de Cristo ser uma criatura. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p70)

Numa outra publicação da Torre de Vigia, Raciocínios da Base das Escrituras. Três argumentos são apresentados em favor de interpretar Colossenses 1.15 dessa maneira. Primeiro: as testemunhas de Jeová notam que a interpretação trinitária usual entende que "o primogênito de toda a criação" significa que Cristo é "o mais distinto em relação aos que foram criados," e perguntam por que, então, esse título não foi aplicado ao Pai e ao Espírito Santo. (2) Mas esse é simplesmente um argumento na base do silêncio, ou seja, raciocinar que porque alguma coisa não é dita, não é a verdade. Argumentos assim são notavelmente indignos de confiança.

Por exemplo, porque Mateus 28.1 menciona somente duas mulheres que visitaram o túmulo de Jesus, devemos concluir que somente duas mulheres foram? (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p71)

Não, porque Lucas 24.10 deixa claro que pelo menos cinco mulheres visitaram o túmulo. A Bíblia nunca diz explicitamente (nem sequer na TNM) que Deus Pai é Jeová. Mas é claro que Ele é Jeová, porque ela mesma diz que o Pai é o único Deus verdadeiro (Jo 17.3), e o Antigo Testamento nos informa que Jeová é o único Deus verdadeiro (p.e. Jr 10.10). Além disso, ha uma boa razão por que o primogênito de toda a criação" nunca e aplicado ao Pai ou ao Espírito Santo.

As testemunhas de Jeová reconhecem uma verdade quando dizem que a idéia de filiação não pode ser eliminada da palavra primogênito. Mas deturparam o modo de os trinitários entenderem aquela palavra. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p71)

Os trinitaristas acreditam que a palavra não significa meramente algo vago como "o mais distinto," mas, pelo contrário, significa o herdeiro, aquele que tem o direito de herdar tudo do seu pai. Cristo, como o Filho de Deus, é o "herdeiro" do Pai porque tudo quanto é do Pai também é do Filho. É claro que essa é uma figura de linguagem, e não deve ser forçada a ser literal demais (Deus Pai nunca vai morrer e "deixar sua herança" ao Filho) A questão em pauta é simplesmente que, assim como dizemos que o primogênito de um homem é usualmente o herdeiro de todas as suas propriedades, assim Colossenses 1.15 chama Cristo "primogênito [herdeiro]! de toda a criação."

Em segundo lugar, as testemunhas de Jeová ressaltam que as expressões paralelas: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p71)

"primogênito de Faraó," "primogênito de Israel," etc., sempre são usadas no sentido da primeira pessoa a nascer naquele grupo, de modo que "o primogênito de toda a criação" deve significar a primeira pessoa a ser criada. Com mais exatidão, porém, o que essas expressões significam é o primeiro filho da pessoa mencionada - de modo que o primogênito de Faraó é o primeiro filho de Faraó; o primogênito de Israel é o primeiro filho de Israel; e assim por diante. Se a expressão "o primogênito de toda a criação" for considerada paralela com essas frases, significaria, então, o primeiro filho de toda a criação. Isto, porém, seria exatamente o inverso de tudo quanto o texto realmente diz: que toda a criação veio a existir através de Cristo (Cl 1.16). A criação não produziu Cristo; foi Cristo quem produziu a criação! Posto, portanto, que o significado de "primeiro filho de" não se encaixa no contexto, deve ficar subentendido o significado de "herdeiro." Somente essa interpretação dá sentido ao texto, que significa, então, que Cristo é o herdeiro da criação porque todas as coisas foram criadas por meio dEle e para Ele.

Colossenses 1.15 certamente não pode ser usado para comprovar que Cristo foi criado. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p73)

A interpretação "herdeiro de toda a criação" faz sentido no contexto e entende "primogênito" num sentido figurado legítimo. A maneira das Testemunhas de Jeová interpretarem o texto exige que acrescentem "outras" quatro vezes aos versículos que se seguem, para forçar o texto a concordar com a opinião deles, e mesmo assim não oferece, um significado razoável para a expressão "o primogênito de toda a criação." Sendo assim, esse trecho serve mais como um poderoso texto de prova de que Cristo é o Criador. (3)

O princípio da criação de Deus

Apocalipse 3.14 chama Cristo "o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus." O emprego da palavra princípio como descrição de Cristo indica, segundo dizem as testemunhas de Jeová, que Ele foi criado. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p74)

Se considerarmos a gama de significados possíveis da palavra grega archê que aqui é traduzida por "princípio," deve ser reconhecido que a palavra pode ter esse significado, Não é, no entanto, o único significado, nem sequer um significado provável. O argumento principal apresentado na brochura das testemunhas de Jeová para interpretar "o princípio da criação" no sentido de "primeira criação" é que João (o autor do Livro do Apocalipse) sempre emprega archê com "o significado comum de 'princípio'" (pag. 14). Se, porém, for para entender "primeira coisa" com a palavra "princípio," essa declaração é falsa. Na realidade, tem esse significado uma só vez nos escritos de João (João 2.11). Em todo o resto do Evangelho segundo João e nas suas epístolas, sempre se refere a um ponto inicial no tempo (João 1.1, 2; 6,641 8.25, 44; 15,27; 16.4; 1 João 1.1; 2.7, 13, 14, 24; 3.8, 11; 2 João 5, 6) e não à primeira coisa numa série. No livro do Apocalipse, na realidade, archê é empregada só mais três vezes, e sempre no tocante a Deus como "o princípio e o fim" (Ap 1.8; 21.6; 22.13). Mas as testemunhas de Jeová negarão, com toda a razão, que Deus é um primeiro objeto numa série doutros objetos.

Primeiro, é possível que em Apocalipse 3.14 archê signifique "soberano" ou "primeira autoridade" sobre a criação. O argumento em favor dessa opinião é simples. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p75)

Parece que em todos os demais lugares no Novo Testamento em que archê é usada no tocante a uma pessoa, quase sempre se refere a um soberano de algum tipo. (...) Em especial, a forma plural archai ocorre frequentemente no Novo Testamento e é usualmente traduzida por "principados" ou palavras semelhantes (Lc 12.11; Rm §.38; Ef 3.10; 6.12; Cl 1,16; 2.15; Tt 3.1). Duas vezes é usada no singular no sentido de "governo" ou "domínio" (Lc 20.20; Jd 6). Três vezes ocorre na expressão "todo governo" ou "todo soberano" (1 Co 15,24; Ef 1j21; Cl 2.10). Além disso, em Colossenses 1.18, o único outro lugar no Novo Testamento onde Cristo é chamado archê, e onde a palavra é usualmente traduzida por "princípio," o significado de soberano é praticamente certo. Isto, porque o plural archai ocorre três vezes naquele contexto (1.16; 2.10, 15) com o significado de "soberanos," e porque em Colossenses 1.18 ("o archê, o primogênito de entre os mortos") forma um paralelo claro com Apocalipse 1.5 ("o primogênito dentre os mortos e o archôn soberano dos reis da terra.") Essa linha de raciocínio possui muitos méritos, e é possível que "soberano" seja o significado correto de archê em Apocalipse 3.14. Mas também é possível (...), que archê signifique "origem" ou "primeira causa.") A palavra grega archê podia, no grego do século I, ter o significado de "primeira causa" ou "origem" ou "fonte," quando é empregada com relação ao universo ou à criação. Embora esse uso da palavra não pareça ser encontrado claramente noutras partes do Novo Testamento, no livro do Apocalipse archê parece estar sendo empregada nesse sentido em todas as três outras ocorrências da palavra naquele livro. Nesses três versículos, Deus é chamado "o princípio e o fim" (1.8; 21.6; 22.13). A melhor interpretação dessa expressão parece ser a de que Deus é o iniciador e o consumidor da criação - que Ele é a sua causa original e seu alvo final.

Jesus como Criador.

É bastante fácil demonstrar que a Bíblia ensina claramente que Cristo criou todas as coisas. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p77)

"Todas as coisas vieram à existência por intermédio dele; e à parte dele nem mesmo uma só coisa veio à existência" (João 1.3). Se todas as coisas que "vieram a existir" dependeram de Cristo para sua existência, Ele mesmo não pode ter "vindo a existir." Já mencionamos Colossenses 1.16, que declara que "nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele" (...). Se todas as coisas que foram criadas, o foram nEle, por meio dEle, e para Ele, segue-se que Ele mesmo não foi criado. Hebreus 1.2 diz: "através de quem [o Filho] ele [Deus] fez as eras" (KIT). Isso deixa subentendido que o Filho transcende as eras.

As Testemunhas de Jeová procuram inverter essas evidências, dizendo (...) que Deus criou o mundo através de Cristo, e (...) que Cristo era "por assim dizer, um sócio subordinado" a Deus (pag.7), na obra da criação. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p77-78)

Existem pelo menos duas razões por que essa objeção não pode ser válida. Primeiro, o Novo Testamento também () declara que o mundo veio por intermédio de ou através de Deus (Rm 11.36), especificamente por intermédio do Pai (Hb 2.10 TNM). (A mesma palavra grega traduzida por "através de" ou "por intermédio de" [dia] ou sua forma contraída [di'] aparece em todos esses versículos. Isso significa que "através de" não subentende um papel inferior ou secundário na criação (que é o que as testemunhas de Jeová alegam). Esse fato parece embarçar tanto as testemunhas de Jeová que traduziram dV como "por" em vez de "através de" ou "mediante" em Romanos 11.36 - "Porque todas as coisas são dele, e por [dV] ele, e para [eis] ele." (TNM). É também digno de nota que Romanos 11.36 diz que todas as coisas são "para" (eis) Deus, ao passo que Colossenses 1.16 diz que todas as coisas são "para" (eis) Cristo,

Em segundo lugar, a Bíblia ensina que Deus criou o mundo sozinho. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p77-78)

“Eu, Jeová, faço tudo, estendendo os céus por mim mesmo, estirando a terra. Quem estava comigo?” (Is 44.24, TNM). Fica claro que a pergunta retórica “Quem estava comigo?” convida a resposta; “Ninguém.” Logo, é bem impossível do ponto de vista bíblico sustentar que Deus criou Cristo e então criou tudo o mais através dEle. A idéia de que o Deus supremo precisava de um “sócio inferior” para fazer o serviço Sujo de criar o mundo é pagã, e não bíblica, conforme vimos em nosso estudo da história da teologia trinitária no capítulo 4.

A Bíblia nega que Jesus é Deus?

Jesus distinto de Deus

O tipo mais fundamental de argumento empregado pelas testemunhas de Jeová para mostrar que Jesus não pode ser Deus é este: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p79)

Existem vários textos bíblicos que fazem uma distinção entre Jesus e Deus, e que os tratam como indivíduos diferentes. Alguns desses textos simplesmente fazem uma distinção entre Jesus e o Pai (João 8.17-18). Esses textos não apresentam nenhuma dificuldade para a posição trinitarista, posto que a doutrina da Trindade também distingue entre o Pai e o Filho como duas “pessoas.” Existem, ainda, os textos bíblicos que falam do Pai como o Deus de Jesus Cristo (p.e. João 20.17: 1 Co 11.3).

A brochura da Torre de Vigia argumenta: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p80)

“Visto que Jesus tinha um Deus, seu Pai, ele não podia ao mesmo tempo ser esse Deus” (pag.17). Mas também, os trinitaristas não sustentam que Jesus é Seu próprio Pai. Sustentam que Jesus, porque se tomou homem, foi colocado numa posição na qual tinha que honrar o Pai como Seu Deus. Ao mesmo tempo, os trinitários podem ressaltar alguns aspectos do ensino da Bíblia que demonstram que as testemunhas de Jeová não compreenderam as implicações do fato de o Pai ser o Deus de Cristo.

Primeiro: Jesus deixou claro que o Pai era o Seu Deus de maneira bem exclusiva, por comparação com a maneira de o Pai ser nosso Deus. Em João 20.17, portanto, Jesus declarou: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p80)

“Eu ascendo para junto de meu Pai e VOSSO Pai, e para meu Deus e VOSSO Deus” [TNM]. Na realidade, Jesus nunca se referiu ao Pai como “nosso Pai,” não se incluía juntamente com os Seus discípulos. (Em Mateus 6.9 Jesus disse aos discípulos que eles deviam orar: “Pai nosso...” mas não se incluía Ele mesmo naquela oração). Jesus tomava o cuidado de distinguir entre os dois relacionamentos, porque Ele era o Filho de Deus por natureza. ao passo que os cristãos são “filhos” de Deus por adoção. Semelhantemente, o Pai era Deus de Jesus porque Jesus (p 80) se humilhou para tomar-se homem (Fp 2.7), ao passo que o Pai é nosso Deus porque somos criaturas por natureza.

Em segundo lugar, (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p81)

no contexto imediato de João 20.17 fica claro que, qualquer que fosse o relacionamento de Jesus com o Pai, o relacionamento que nefe, como discípulos, temos com Jesus é que Ele é nosso “Senhor” e nosso Deus” (João 20.28). (Teremos mais para dizer a respeito de João 20.28 no capítulo 7). Além disso, há textos que simplesmente se referem a Deus lado a lado com Cristo, de tal maneira que fazem distinção entre Eles. Por exemplo: 1 Timóteo 5.21 fala em “Deus e Cristo Jesus,” e 1 Coríntios 8.6 distingue entre “um só Deus, o Pai,” e “um só Senhor, Jesus Cristo.” Os trinitários, no entanto, têm uma resposta simples: Esses textos referem-se ao Pai como “Deus”, não porque Jesus Cristo é menos que Deus, mas simplesmente porque o título Deus era normalmente usado para o Pai.

Podemos comprovar que esses textos não significam que Jesus não é Deus, mediante o estudo dos próprios textos. Conforme dissemos: 1 Coríntios 8.6 distingue () entre “um só Deus, o Pai,” e “um só Senhor, Jesus Cristo.” (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p81-82)

As testemunhas de Jeová concluem desse versículo que, posto que o Pai é o “um só Deus,” Jesus não pode ser Deus. Mas, por esse tipo de raciocínio, posto que Jesus é o “um só Senhor,” o Pai não pode ser Senhor! Mas sabemos que o Pai é mesmo Senhor (Mt 11.25). Logo, deve haver algo de errado com esse raciocínio. O erro, conforme já foi explicado, é que toma por certo que o emprego de um título pai uma pessoa exclui sua aplicação a outra. Isso não pode ser pressuposto, mas deve ser determinado mediante a consideração de todos os ensinamentos bíblicos relevantes. Finalmente, 1Timóteo 2.5 diz que Jesus é “um só mediador entre Deus e homens” [TNM], e a partir dessa declaração a brochura das testemunhas de Jeová conclui que Jesus não pode ser Deus, porque “por definição mediador é alguém a parte dos que precisam de mediação” (pag. 16). Mas por esse raciocínio, Jesus não pode ser um homem, tampouco; mas esse próprio texto diz que ele é “um homem”! A verdade é que Jesus tem a capacidade de mediar entre Deus e os homens, porque Ele mesmo é tanto Deus quanto homem.

Os paradoxos de Jesus

Alguns argumentos (...), contra a crença de que Jesus é Deus, baseiam-se em vários paradoxos que surgem quando comparamos o que a Bíblia diz a respeito de Jesus com aquilo que ela diz a respeito de Deus. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p82)

A brochura das testemunhas de Jeová considera alguns deles. Deus não pode ser tentado, mas Jesus foi tentado (pags.14-15); Deus é maior do que os anjos, mas Jesus era inferior a eles (pag.15); Deus não pode de ser visto, mas Jesus foi visto (pag.16); Deus não pode morrer, mas Jesus morreu de fato (pag.18); Deus sabe tudo, mas Jesus tinha conhecimentos limitados e aprendia (pag.19). A esses paradoxos podem ser acrescentados outros tantos. Deus é eterno, porém Jesus nasceu; Deus nunca muda, mas Jesus crescia; Deus não fica cansado, mas Jesus ficou cansado. Todos esses paradoxos baseiam-se num único paradoxo básico; Deus não é um homem, porém Jesus era um homem;

Poderíamos imaginar que numa brochura sobre a Trindade que levanta esses paradoxos, seria pelo menos mencionada a resposta trinitária a eles. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p83)

Mas assim não acontece. Os trinitários acreditam que Jesus era Deus e também homem. Com mais exatidão, acreditam que Jesus era uma única pessoa divina (a segunda pessoa da Trindade) em quem foram unidas duas naturezas - Sua própria natureza divina, que Ele sempre possuía, e a natureza humana, que Ele tomou sobre Si a fim de redimir a humanidade.

A reação usual das testemunhas de Jeová diante dessa doutrina é perplexidade. Como Jesus pode ser tanto Deus quanto homem? Isso não é contraditório e irracional? (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p 83)

Os trinitários acreditam que não é irracional nem contraditório dizer que Jesus era e é tanto Deus quanto homem. Seria contraditório se asseverássemos que a carne de Jesus era divina em si mesma, ou que a Sua natureza divina fosse mortal. Mas essas asseverações não representam o trinitarismo clássico. O que asseveramos mesmo é que Deus, sem cessar de ser Deus, tomou sobre Si a natureza humana, não por meio de misturar as duas juntas, mas por meio de uni-las na única pessoa de Jesus. É difícil compreender ou entender plenamente esse fato, assim como é difícil a própria doutrina, da Trindade, mas não é incoerente.

Por exemplo: Jesus foi tentado. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p84)

Mas os trinitários não acreditam que a Sua tentação derivou-se nalgum sentido da Sua natureza divina, mas, sim, foi resultado do Seu viver como ser humano num mundo corrupto onde abundam as tentações. Fica assim: Deus, como Deus, não pode ser tentado: mas Jesus, que é tanto Deus quanto homem, foi tentado como homem vivendo na Terra depois da Queda.

Além disso, a brochura das testemunhas de Jeová deixa despercebidos certos ensinamentos relevantes de Jesus que lançam uma luz diferente sobre esses paradoxos. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p84)

Certo. Deus não é homem (Nm 23.19), ao passo que Jesus o é (1 Tm 2.5); mas Jesus também é Deus (João 20.28). Certo: Deus não pode ser tentado (Tg 1.13), ao passo que Jesus foi tentado (Hb 4.15); porém Jesus não podia pecar (João 5.19). Certo: Deus sabe todas as coisas (Is 41.22-23), ao passo que Jesus não sabia o dia da Sua volta (Mc 13.32); porém Jesus sabia todas as coisas (João 16.30). Certo: Deus não pode ser visto (Jo 1.18), ao passo que os homens realmente viram a Jesus (1 João 1,1-2); porém nenhum homem tem visto nem poderá ver Jesus (1 Tm 6.16). Certo: Deus não pode morrer (1 Tm 1.17), ao passo que Jesus realmente morreu (Fp 2.8); porém ninguém poderia tirar de Jesus a Sua vida (João 10:18), era impossível para Ele permanecer morto (At 2.24), e Ele ressuscitou a Si mesmo (João 2.19-22). Certo: Deus nunca muda (SI 102.26-27), ao passo que Jesus crescia (Lc 2.52) e aprendia (Hb 5.8); porém Jesus também nunca muda (Hb 1.10-12; 13.8). Certo: Deus é eterno (SI 90.2), ao passo que Jesus nasceu (Mt 1.18); porém Jesus também sempre existiu (João 8.58).

Esses fatos bíblicos excluem a possibilidade de resolver o paradoxo por meio de simplesmente negar que Jesus é Deus. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p84)

Nem é possível resolver o paradoxo por meio de negar Sua humanidade (conforme fizeram alguns gnósticos). Nem é legítimo resolvê-lo por meio de dizer que Jesus era um mero homem em quem Deus habitava, pois também podia-se dizer que Deus habitava noutros homens, ainda que fosse em grau menor. Todas essas teorias foram propostas nos primeiros séculos da História da Igreja, e todas elas foram rejeitadas pelos ortodoxos, e por bons motivos: realmente não se encaixam com aquilo que a Bíblia diz a respeito de Jesus. São menos misteriosas, menos paradoxais, mas contradizem categoricamente a Bíblia.

O sacrifício vicário de Jesus

As testemunhas de Jeová acreditam que se Jesus fosse Deus, Sua morte não teria sido por um resgate apropriado, porque teria sido em excesso da justa exigência de Deus. A brochura das testemunhas de Jeová explica: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p85)

Jesus, nada mais e nada menos do que um humano perfeito, tomou-se um resgate que compensou exatamente o que, Adão perdera - o direito à vida humana perfeita na terra. ... A perfeita vida humana de Jesus foi o “resgate correspondente” [1 Tm 2.6 TNM] exigido pela justiça divina - nada mais, nada menos... Se Jesus, no entanto, fosse parte de uma Divindade, o preço do resgate teria sido infinitamente superior ao que a lei do próprio Deus exigia [pág. 15], (...) Embora admitam que Jesus tenha tido uma “existência pré-humana,” isto não significa que o homem Jesus fosse aquela mesma criatura espiritual poderosa que, segundo acham as testemunhas de Jeová, tenha sido o “sócio subordinado” de Deus na criação do mundo. Pelo contrário, a opinião das testemunhas de Jeová é que no momento da concepção de Jesus no ventre de Maria, o espírito pré- humano chamado “o Verbo” (Jo 1.1) ou o “Filho” de Deus (Hb 1.2) cessou de existir, e uma pessoa humana foi criada por Jeová com as lembranças da criatura espiritual que antes existira.

Portanto, segundo as testemunhas de Jeová, Jesus na Terra não era o “Deus Forte” (Is 9.6), mas somente um mero homem com as lembranças daquele Deus Forte. Assim somos levados a uma conclusão curiosa: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p85)

(...) Posto que tudo o que se precisava (), era um ser humano perfeito, Deus poderia simplesmente ter criado “do nada” um desses, se assim o tivesse desejado. O argumento das Testemunhas de Jeová a respeito do “resgate correspondente” também padece pelo menos dois problemas mais diretos. O primeiro é que traduzir *antlutron* por “resgate correspondente” em 1 Timóteo 2.6, se “correspondente” for entendido no sentido de “nada mais, nada menos,” é um caso claro de tradução exagerada - de , atribuir à palavra mais do que está realmente ali. Embora a palavra *antlutron* seja muito rara em grego, e embora apareça somente aqui na Bíblia, o significado é certamente o mesmo que a declaração de Cristo em Marcos 10.45, de que Ele veio dar Sua vida “como resgate em troca de [lutron ant] muitos”

A idéia nos dois trechos bíblicos é simplesmente a da substituição - de Cristo tomar o nosso lugar. A idéia de que isso exigia que Cristo fosse “nada mais” do que um ser humano perfeito está ausente. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p87)

Em segundo lugar, a alegação das testemunhas de Jeová de que a morte de Cristo tinha a intenção de ser meramente o sacrifício de um ser humano perfeito para compensar o pecado de um só homem, Adão, é refutada por Marcos 10.45, que diz que Cristo “foi resgate em troca de muitos Cristo”, portanto, não era meramente um homem que morria em favor de um só outro homem; estava morrendo em favor de milhões de homens, mulheres, e crianças. Cristo é chamado o “último Adão” e contrastado com Adão (Rm 5.12-21; 1 Co 15.21-22, 45), mas isso não comprova que Ele era “nada mais” do que Adão.

A Submissão de Jesus a Deus

Talvez o argumento mais freqüentemente ouvido contra o fato de Jesus ser Deus pela Sua natureza e igual ao Pai na Sua divindade, seja o ensinamento bíblico a respeito da submissão de Jesus ao Pai. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p88)

As testemunhas de Jeová têm consciência de que os trinitários acreditam que Cristo; na Sua natureza humana, estava numa posição de submissão ao Pai. (...), no entanto, argumentam que isso não explica como Jesus Se submeteu a Deus depois da Sua ressurreição dentre os mortos e a Sua ascensão ao Céu. Sendo assim, as testemunhas de Jeová, embora citem textos bíblicos que se referem à posição humilde de Cristo, enquanto era um homem na Terra, relativo ao Pai (especialmente João 14,28), dependem ainda mais de textos bíblicos que falem da submissão de Cristo depois da Sua ressurreição. Notam, por exemplo, que 1 Coríntios 11-3 diz que “Deus é o cabeça de Cristo”; 1 Coríntios 15.28 diz que o Filho se sujeitará a Deus Pai depois de eliminados o pecado e a morte; e vários textos bíblicos dizem que até mesmo agora, depois da ascensão de Cristo, o Pai é Deus de Cristo (p.e. João 20.17; Rm 15.6; 1 Co 45.24; 2 Co 1.3; Ap 1.6; 312). Na base desses textos bíblicos, concluem que Jesus não era simplesmente inferior ao Pai temporariamente enquanto estava na Terra, mas que sempre estará submisso a Deus.

Podemos ressaltar dois fatos que demonstrarão que nenhum desses textos bíblicos contradiz o ensino da Bíblia de que Jesus Cristo é Deus. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p88)

Primeiro: o argumento das testemunhas de Jeová toma por certo que Jesus cessou de ser um homem. As testemunhas de Jeová acreditam que o corpo físico de Jesus nunca foi ressuscitado à vida, mas foi “levantado” (“criado de novo” pode ser mais exato) como mero espírito. Se o corpo de Jesus fosse ressuscitado dentre os mortos, porém, da maneira Como os trinitários acreditam, Jesus, como homem, naturalmente continuaria tendo algum tipo de submissão ao Pai como Seu Deus.

Embora esta não seja a ocasião própria para uma discussão extensiva da natureza da ressurreição de Cristo, umas poucas observações breves virão ao caso; (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p89)

A Bíblia declara explicitamente que Jesus Cristo, depois da Sua ressurreição e ascensão, é “um homem”; Ele, como homem, é mediador da nova aliança (1 Tm 2.5), e, como homem, julgará o mundo (At 17.31). Jesus também negou totalmente que Ele era mero espírito (Lc 24.39). Antes da Sua morte, Jesus profetizara que ressuscitaria Seu próprio corpo dentre os mortos (João 2,19-22), o que, naturalmente, também subentende que Jesus é Deus. Jesus também disse que entregaria a Sua “alma,” ou vida física, a fim de recebê-la de novo (João 10.17-18). Pedro pregou no Dia do Pentecostes que Jesus não podia ser mantido na morte e que a Sua carne vivia na esperança da ressurreição da Sua alma do Hades (At 2.24-32), o que subentende, naturalmente, que a carne de Jesus foi ressuscitada da morte.

As testemunhas de Jeová argumentam que Jesus não podia ter ressuscitado com Seu corpo físico porque isso teria envolvido tomar de volta o “preço de resgate” que pagou pela nossa salvação. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p89)

Conforme já vimos, as testemunhas de Jeová têm alguns mal-entendidos a respeito do “resgate” de Cristo. De novo, esse argumento baseia-se numa inferência que não tem apoio na Bíblia, Jesus deu a Sua alma como resgate (Mc 10.45), e Ele tinha o direito de receber Sua alma de volta (João 10.17-18), tendo por base a promessa de Deus de que a sua alma não permaneceria no Hades (At 2.27). As testemunhas de Jeová também indicam os trechos nos Evangelhos onde os discípulos não reconheceram

As testemunhas de Jeová também indicam os trechos nos Evangelhos onde os discípulos não reconheceram () Jesus de início. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p89-90)

Mas em cada caso, o texto oferece outra explicação do que aquela de ser Ele mero espírito: os olhos dos discípulos foram impedidos de reconhecê-Lo (Lc 24.16, 31); Maria Madalena estava chorando de madrugada e nem estava olhando Jesus diretamente de início (Jo 20.11 -16); os discípulos no barco estavam longe da praia e, de novo, mal rompera a aurora (João 21.4-7). Há mais alguns outros trechos bíblicos citados (...), mas estes também foram interpretados de modo equívoco. (2) A questão continua sendo que se Jesus foi ressuscitado como um ser humano - embora fosse um ser humano glorificado, exaltado, e imortal - Ele continuaria a submeter-se ao Pai como Seu Deus em virtude de Ele ser homem.

A segunda verdade que deve ser ressaltada no tocante à submissão do Filho ao Pai depois da Sua ressurreição e ascensão, é que semelhante submissão não é, de modo algum, inconsistente com a Trindade. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p90)

A doutrina da Trindade sustenta que as três pessoas são iguais entre si no tocante à essência ou à natureza, e deixa em aberta a questão de como as três pessoas se relacionam entre si dentro da Trindade. Sendo assim, ao passo que os trinitários insistem que Cristo é tanto Deus como o Pai, não negam que o Filho está, nalgum sentido, submisso ao Pai mesmo depois da Sua ascensão. Um exame dos textos “subordinacionistas” citados pelas testemunhas de Jeová confirma essa verdade. Por exemplo: 1 Coríntios 11.3 diz que “Deus é o cabeça de Cristo.” Mas também declara que Cristo é o cabeça de todo homem; que o homem (...) é a cabeça da mulher (...). Ora, a Bíblia deixa bem claro que os homens e as mulheres são iguais quanto à sua natureza; ambos são plenamente humanos, ambos são à imagem de Deus, e em Cristo são um (Gn 1,26-28; G13.28). A submissão feminina, portanto, é uma questão de função, de posição, ou de papel a ser desempenhado, e não de superioridade do homem sobre a mulher. Quanto a Cristo ser o cabeça de todo homem, no contexto há referência a uma chefia funcional, e não a uma superioridade essencial. E em certo sentido, Cristo não é essencialmente superior aos homens, posto que o próprio Cristo é um homem, conforme temos visto. É lógico que, noutro sentido, Cristo é muito superior aos homens na Sua essência, posto que Cristo também é Deus. .

Jesus como o “Filho Unigênito”

As testemunhas de Jeová alegam que a descrição de Cristo como o “Filho Unigênito” indica que o Filho foi criado. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p92)

Argumentam que o termo “unigênito” (em grego, monogenês) realmente inclui a idéia de gerar, e, portanto, que Jesus foi gerado pelo Pai. Notando que os trinitários alegam que a palavra é aplicada a Jesus, significando “um relacionamento do tipo filho único sem a parte do gerar” (aliás, só uma minoria dos trinitários definiria assim a palavra), a brochura da Torre de Vigia pergunta: “Isso soa lógico para você? Um homem pode ser pai de um filho sem gerá-lo?” (pág. 15).

Indicando que Isaque é chamado o “unigênito” de Abraão em Hebreus 11.17, a brochura continua: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p92)

“Não pode haver dúvida de que, no caso de Isaque, ele era unigênito no sentido normal” (pág. 16). Na realidade, porém, essa alegação está sujeita a graves dúvidas. Isaque não era o filho unigênito de Abraão no sentido literal de o único filho que Abraão gerou. Abraão tinha muitos outros filhos, inclusive Ismael, que foi gerado por Abraão antes de Isaque. Portanto, Isaque é chamado o “unigênito” de Abraão no sentido do filho incomparável ou especial de Abraão.

Podemos explicar esse fato doutra forma. As testemunhas de Jeová estão empregando um argumento que tem a seguinte forma lógica: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p93)

(a) Todos os filhos são gerados; (b) o Jesus pré-humano era um filho; logo (c) Jesus foi gerado; mas (d) todos que são gerados também começam a existir nalgum momento do tempo, e, portanto, são criaturas; por isso (e) Jesus, tendo sido gerado, deve também ser uma criatura. Isto soa bem, e é logicamente válido - o que significa que se as premissas, ou asseveração de fato em que se baseia o argumento, são verdadeiras, a conclusão também teria de ser verdadeira. Considere, no entanto, o seguinte argumento paralelo: (a) Todos os filhos tiveram mães; (b) o Jesus pré-humano era um filho; logo, (c) o Jesus pré-humano teve uma mãe. O argumento pode ser colocado assim: (d) Todos* que são gerados tiveram uma mãe; (e) Jesus, tendo sido gerado, também teve uma mãe.

Há somente duas maneiras de escapar desse argumento (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p93)

A primeira é indicar que a Bíblia não diz que Jesus tinha uma mãe celestial. Isso não chega a refutar o argumento, mas pelo menos demonstra que, do ponto de vista bíblico, pode haver algo de errado nele. A segunda é argumentar que aquilo que se aplica aos pais e filhos terrestres nem sempre se aplica ao Pai divino e ao Seu Filho divino. E assim fica demonstrado que as declarações “todos os filhos tiveram mães” e “todos que são gerados tiveram mães” são generalizações apressadas - somente se aplicam a seres terrestres.

Essas mesmas respostas, no entanto, também podem ser feitas aos argumentos das testemunhas de Jeová no sentido de comprovar que Jesus deve ter tido um começo. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p93)

A Bíblia não chega a declarar que o Jesus pré-humano foi gerado pelo Pai nalgum momento do tempo; não declara que ele teve um início, (Já notamos que Pv 8.22; Cl 1.15; e Ap 3.14 não sustentam semelhante conclusão). Além disso, um fato certo a respeito de pais e filhos terrestres (que os filhos são sempre mais jovens do que os pais e nascem dentro do tempo) não se aplica necessariamente ao Pai eterno e ao Seu Filho.

A brochura das testemunhas de Jeová argumenta: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p94)

“Os trinitaristas dizem que, visto que Deus é eterno, o Filho de Deus também é eterno. Mas, como pode uma pessoa ser filho e ao mesmo tempo ter a mesma idade de seu pai?” (pág.15). A resposta é: não pode, se for um filho literal. E, conforme já vimos, Jesus não pode ser considerado um filho literal de Deus. Mas a brochura das testemunhas de - Jeová, inconsciente desse fato, alega que, quando a Bíblia chama Jesus de Filho de Deus, “quer dizer ‘Filho’ em sentido literal, como no caso de um pai e seu filho, não como uma misteriosa parte duma Divindade Trina” (pág. 29).

A pergunta mais apropriada a ser feita é: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p94)

como um Pai eterno, infinito, e divino poderia mesmo ter um filho temporal, finito e que é uma criatura. Se Filho, conforme a palavra é aplicada ao Jesus pré-humano, é alguma descrição da Sua natureza, e não (conforme sua aplicação aos anjos ou aos homens) uma expressão completamente () simbólica que retrata o nosso relacionamento com Deus, esperaríamos que o Filho fosse do mesmo tipo de ser que Seu Pai, em todos os aspectos substanciais. E é realmente isso que a Bíblia diz a respeito do Filho.

Jesus pode ser Filho de Deus e também ser Deus?

O raciocínio das testemunhas de Jeová a respeito dessa questão parece ser tão lógico. Como Jesus pode ser “Filho de Deus” e também ser Deus? Como alguém pode ser seu próprio filho? Não é irrazoável e ilógico? (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p95)

(...), É certo que Jesus é chamado o Filho de Deus, e não simplesmente o Filho do Pai (embora Ele também receba esse título em 2 João 3). Mas isso deve ser entendido no sentido de usar o título Deus com referência especialmente ao Pai, sem negar que também se aplica ao Filho, com validade igual. (...) “Filho de Deus” é uma forma abreviada de “Filho de Deus Pai.” A designação de Jesus como o “Filho de Deus,” longe de refutar a igualdade essencial entre Jesus e Deus, é uma das provas mais importantes na Bíblia inteira, daquela () verdade (Aqui, é importante manter em mente que a doutrina da Trindade sustenta que o Filho é igual ao Pai na Sua essência ou natureza, e que não nega que o Filho obedece ao Pai ou que busca a Sua glória).

“O Verbo Era Deus”

Em João 1.1 lemos: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p104)

A TNM traduz assim a última frase desse versículo: “e a Palavra era [um] deus.” Várias traduções são citadas pela brochura das testemunhas de Jeová, e uns poucos estudiosos são citados como se concordassem com a interpretação que as testemunhas de Jeová atribuem a esse versículo, como se ensinasse que Jesus era um segundo deus, inferior. (...). As testemunhas de Jeová raciocinam que o Verbo não pode ser “Deus” e também estar “com Deus,” pois “alguém que está ‘com’ outra pessoa não pode ser ao mesmo tempo aquela outra pessoa” (pág. 27). Mas os trinitários concordam, neste sentido: sustentam que “o Verbo estava com Deus” significa que o Verbo estava com a pessoa comumente chamada “Deus,” ou seja: o Pai, ao passo que “o Verbo era Deus” significa que o próprio Verbo era pessoalmente Deus pela Sua natureza, não menos Deus do que o Pai, sem ser a mesma pessoa que o Pai. (5) A brochura argumenta que porque “não existe artigo [“o”] antes do segundo theos em João 1.1... uma tradução literal seria ‘e Deus era a Palavra’.” (pág. 27). Declaram que isso é confirmado pelo fato da palavra theos em João 1.1 ser “um substantivo predicativo” que antecede o verbo e que não tem o artigo definido. Exemplos são oferecidos doutros versículos na Bíblia que exibem esse padrão e que são traduzidos com o artigo indefinido antes do substantivo, Esses exemplos demonstram, alegadamente, que “a regra de Colwell” (6) não pode comprovar que theos em João 1.1 não pode ser traduzido por “um deus” (págs. 27,28).

Esse tipo de raciocínio talvez pareça válido, mas na realidade, confunde várias questões entre si. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p105)

Primeiro: até mesmo Jeová pode ser chamado “um Deus” na Bíblia, em textos que empregam exatamente a mesma construção em grego. (Deve ser notado que não há diferença () substancial entre “um deus” e “Deus,” pois só algumas línguas modernas conseguem até mesmo fazer essa distinção). Por exemplo, em Lucas 20.38 lemos na TNM [em inglês] que Jesus disse, a respeito de Jeová: “Ele é um Deus, não de mortos, mas de viventes...” Aqui, “um Deus” traduz *theos* sem o artigo e antes do verbo, exatamente como em João 1.1. Sendo assim, mesmo se alguém quisesse traduzir *theos* em João 1.1. como “um deus,” isso não refutaria o fato de ser Ele o Deus verdadeiro. (7) Em segundo lugar, (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p106) os textos paralelos citados pela brochura das testemunhas de Jeová, alegando que têm a mesma construção grega, são dignos de nota porque nenhum deles dá ao substantivo grego um significado mais fraco, ou diferente, do que se tivesse o artigo definido na sua frente. Por exemplo, “um fantasma” (Marcos 6.49) não é menos fantasma do que um que é chamado “o fantasma”; o Diabo é tão “mentiroso” e “homicida” (João 8.44) quanto qualquer pessoa poderia ser! Além disso, as testemunhas de Jeová deixam de mencionar o fato de que noutros lugares no Novo Testamento, sempre quando a palavra *theos* é usada na mesma construção, sempre se refere claramente ao único Deus verdadeiro (Marcos 12.27; Lucas 20.38; João 8.54; Fp 2.13; Hb 11.16). Logo, o fato de que o Verbo é chamado *theos* em João 1.1 nessa construção não O faz menos Deus do que o Pai. (8) Em terceiro lugar, (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p106) não é de modo nenhum necessário traduzir substantivos nessas construções, usando o artigo indefinido, conforme as próprias testemunhas de Jeová reconhecem ao dizer: “quando o contexto o exige, os tradutores podem inserir um artigo indefinido na frente do substantivo nesse tipo de construção de frase” (pág. 28, grifo nosso). Posto que foi demonstrado que o único argumento do contexto que as testemunhas de Jeová () propuseram (que o Verbo [ou: Palavra] estava com Deus e, portanto, não podia ser Deus) não exige a interpretação deles, é incorreto traduzir como elas fizeram. Em quarto lugar, (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p107) o contexto realmente apóia enfaticamente a conclusão de que o Verbo era Deus, e não um deus secundário e inferior. O versículo começa dizendo que o Verbo existia “no princípio,” o que significa que o Verbo já existia quando o próprio tempo começou. Logo, o Verbo não era uma criatura, mas era realmente eterno. (9) Além disso, o v. 3 declara que tudo que já veio a existir foi feito pelo Verbo: conforme foi indicado no capítulo 5, isso significa que o Verbo era o Criador e, portanto, Deus. Em quinto lugar, (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p107) ao traduzirem “um deus”, as testemunhas de Jeová fizeram a Bíblia contradizer a si mesma. Conforme foi demonstrado anteriormente neste livro, a Bíblia nega categoricamente, e repetidas vezes, que há qualquer outro deus real e verdadeiro fora do único Deus verdadeiro. Posto que o Verbo claramente não é um deus falso, forçosamente deve ser um Deus verdadeiro - ou seja, o único Deus verdadeiro, Jeová.

O problema, (...), não é principalmente com a inserção de “um” antes da palavra deus; é mais com a própria palavra deus com “d” minúsculo que em português (mas não nas línguas antigas) sugere ao leitor um deus inferior. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p107)

Traduzir “um Deus” em português também subentenderia essa idéia, mas de modo bem menos claro, e somente porque no contexto “um Deus” pareceria estar contrastado com “Deus.” Mas em grego a diferença entre *ton theon* (“Deus” no meio do versículo) e *thêos* (“Deus” no fim do versículo) não sugere esse tipo de mudança de significado. Esse fato pode ser percebido ao ler outros trechos no Novo Testamento onde *thêos* aparece no mesmo contexto tanto com o artigo definido quanto sem ele, mas () sem mudança de sentido (João 3.2; 13.3; Rm 1.2í; í-rç 1.9; Hb 9.14; 1 Pe 4.10-11). (10)

Talvez a melhor maneira de traduzir a fim de ressaltar essa diferença seja esta; (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p108)

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com a Deidade, e o Verbo era Deidade.” O único problema com essa tradução é que normalmente, não traduzimos theos por “Deidade”; fora desse fato, provavelmente seja a tradução mais exata em português. (11) Deve ser mencionado, também, que a brochura continua a prática das testemunhas de Jeová de citar fora do contexto às referências eruditas.

"Meu Senhor e meu Deus!"

O Evangelho segundo João começa (1.1) e termina (20.28, excetuando-se o cap. 21, que é um tipo de epílogo) com a confissão de dois dos discípulos originais de Jesus de que Jesus Cristo é Deus. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p109)

Em João 1.1, o apóstolo João, cuja fé em Jesus foi talvez a mais forte entre todos os discípulos, declarou que Jesus Cristo foi Deus no próprio princípio do tempo. Em João 20.28 Tomé, que entre os discípulos teve provavelmente a fé mais fraca (a não ser no caso de Judas Iscariotes), também confessou que Jesus Cristo foi seu próprio Senhor e Deus. A maneira das testemunhas de Jeová debaterem esse versículo demonstra que não têm certeza que sentido devem fazer dele: “Para Tomé, Jesus era como ‘um deus’, especialmente nas circunstâncias miraculosas que provocaram essa sua exclamação. Alguns peritos sugerem que Tomé talvez estivesse simplesmente fazendo uma exclamação emocional de assombro, falando a Jesus, mas dirigindo-se a Deus”(pág. 29).

Nenhuma dessas explicações convence muito. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p109)

Tratando da primeira, e supondo (como as testemunhas de Jeová) que Jesus não era Deus, se Tomé tivesse chamado Jesus de seu ‘deus’ numa exclamação provocada pelas ‘circunstâncias miraculosas’, isso não teria passado de superstição, e teria exigido uma repreensão (compare At 14.11-15). Quanto à segunda explicação, a idéia de um judeu devoto do século 1 ter exclamado algo semelhante a “Meu Deus!” por ter ficado atônito, é um anacronismo, que atribuiria à Bíblia algo que é comum em nossa cultura, mas virtualmente desconhecido na cultura à qual Tomé pertencia. (...), embora as pessoas freqüentemente exclaimem: “Meu Deus!” ou “Meu Senhor!” ao ficarem confrontadas com alguma coisa chocante - nem em nossa cultura, nem em nenhuma outra, as pessoas exclamam: “Meu Senhor e meu Deus!” numa situação assim.

As testemunhas de Jeová raciocinam que, seja qual for o significado de João 20.28, não pode significar que Jesus seja Deus Jeová, por três razões: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p111)

João 17.3 diz que “apenas Jeová é ‘o único Deus verdadeiro.’” (2) Jesus em João 20.17 referiu-se a Jeová como Seu Deus; e (3) João 20.31 declara que o Evangelho foi escrito para demonstrar que Jesus é o Filho de Deus, e não o próprio Deus (pág. 29). Mas esse raciocínio das testemunhas de Jeová sai pela culatra. Se Jeová é o único Deus verdadeiro (e Ele o é), Jesus não pode ser o Deus de Tomé a não ser que Jesus fosse também o único Deus verdadeiro; doutra forma, Tomé estaria adorando um deus falso. O fato de que no contexto imediato Jesus chamou o Pai de “meu Deus,” longe de demonstrar que Jesus era um deus inferior, demonstra que Tomé, ao chamar Jesus “meu Deus” em João 20.28, estava prestando a Jesus as mais altas honrarias possíveis.

E o fato de que Jesus é o Filho de Deus sustenta (e não contradiz) o fato de ser Ele também Deus - doutra forma, João 20.28 seria uma contradição de 20.31. Podem ser levantadas mais duas considerações. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p111)

A linguagem de “meu Senhor e meu Deus” acha-se noutros lugares na Bíblia, com referência a Jeová (SI 35.23; Ap 4.11). Em segundo lugar, pelo menos uma publicação das testemunhas de Jeová tem declarado que quando um hebreu (isso é, um israelita ou um judeu) diz “Deus meu”, está referindo-se a Jeová. (14) Esses fatos oferecem confirmação adicional de que Tomé falava de Jesus Cristo como sendo o único Deus verdadeiro, Jeová.

“Deus Poderoso”

Isaías 9.6 chama Jesus de “Deus Poderoso,” que, segundo argumentam as testemunhas de Jeová, subentende que Ele é um deus inferior, porque não é chamado de “Todo Poderoso.” (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p111)

Argumentam, ainda, que “chamar a Jeová Deus de Todo Poderoso’ pouco significaria se não existissem outros que também são chamados de deuses, que, nó entanto, ocupam uma posição inferior” (pág. 28). Esse raciocínio é comprovadamente falso pelas seguintes considerações. Primeiro, em Isaías 10.21, um só capítulo mais adiante no mesmo Livro, Jeová é chamado “o Deus poderoso.” Logo, o contexto não somente refuta a idéia de que a expressão “Deus Poderoso” significa um deus inferior, como também apóia a interpretação segundo a qual identifica Jesus como Jeová.

Em segundo lugar, a expressão “Deus Todo Poderoso” é muito importante, embora esse Deus Todo Poderoso seja também o único Deus genuíno e real. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p111)

O argumento das testemunhas de Jeová nessa questão acaba revelando o falso conceito que têm de Deus. Acham que “Todo Poderoso” significa que Deus é simplesmente o mais poderoso, aquele que é mais forte do que todos os outros seres poderosos (inclusive um número desconhecido de “deuses poderosos”). O conceito bíblico é que “Todo Poderoso” significa que Deus possui “todo o poder,” que Ele é “poderoso para tudo,” Aquele para quem nada é impossível (Lucas 1.37). Logo, posto que Deus é o Deus todo Poderoso e o único Deus verdadeiro, Jesus não pode ser o Deus Poderoso sem ser o próprio Deus verdadeiro e Todo Poderoso, Jeová.

“Eu Sou”

Em João 8.58, na TNM, as palavras de Jesus são registradas assim: “Antes de Abraão vir à existência, eu tenho sido.” A maioria dos tradutores traduz a parte final do versículo por “Eu sou” ao invés de “eu tenho sido.” (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p112)

A expressão “Eu sou” tem geralmente sido entendida como eco das palavras de Jeová em Êxodo 3.14 (“EU SOU O QUE SOU” na maioria das traduções). As testemunhas de Jeová argumentam que assim não pode ser, porque (1) Êxodo 3.14 deve ser traduzido “Eu serei o que serei” ou algo assim; (2) a expressão grega em João 8.58 é mais bem traduzida: assim “eu tenho sido,” ou algo semelhante; e (3) a surpresa dos judeus diante da declaração de Jesus que Ele tinha visto Abraão apesar de ter menos de cinquenta anos de idade (João 8.57) demonstra (segundo as Testemunhas de Jeová) que no v. 58 Jesus estava simplesmente afirmando () que era mais velho do que Abraão (pág. 26).

Esse argumento baseia-se principalmente em meias verdades. (...) (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p113)

Primeiro, embora seja verdade que a expressão em Êxodo 3.14 seja provavelmente mais bem traduzida como “Serei o que serei,” o assunto não se esgota aí. Entre outras coisas: realmente não há muita diferença, quanto ao sentido, entre essa tradução e “Eu sou o que sou.” As duas expressões dão a entender que Deus é completo em Si mesmo, e que somente Ele determina o que ou quem Ele é, e o que Ele fará, e que simplesmente ser quem Ele é bastará para satisfazer as necessidades do Seu povo. (16) Além disso, a Septuaginta, a tradução principal do Antigo Testamento em grego que circulava no século I, traduziu Êxodo 3.14 como “Eu sou Aquele que é” (*ego eimi ho òn*), e os leitores do Evangelho segundo João que conheciam a Septuaginta poderiam facilmente ter notado um paralelo com Êxodo 3.14 no texto grego de João 8.58, onde as palavras “eu sou” também são *ego eimi*. Não falta probabilidade, portanto, de haver uma conexão entre os dois trechos. (17) Em segundo lugar, a tradução “Eu sou” para as palavras de Jesus *ego eimi* em João 8.58 deve certamente ser preferida a “Eu tenho sido” ou qualquer outra tradução dessa natureza. Aqui, simplesmente () quero indicar que as palavras *ego eimi* aparecem em toda parte no Evangelho segundo João, e sempre (ao serem faladas por Jesus) com a maior relevância, sendo sempre traduzidas (até mesmo na TNM) por “Eu sou” (João 4.26; 6.35, 48, 51; 8.12, 24, 28, 58; 10.7, 11, 14; 11.25; 14.6 15.1, 5; 18.5, 6, 8). Esses ditos com “Eu sou” obviamente existem em mútuo relacionamento deliberado, e essa conexão se perderia se *ego eimi* em João 8.58 fosse traduzido por “Eu tenho sido.” Portanto, a tradução “Eu sou” que se acha na maioria das versões é correta, e não as formas do tempo passado do verbo que aparecem noutras versões.

Outra coisa que a TNM perde é a conexão entre João 8.58 e as declarações de Jeová, na forma de “Eu sou” no livro de Isaías. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p114)

A maioria dos estudiosos bíblicos que têm escrito exaustivamente sobre esse assunto, concordam que essas declarações, “Eu sou” em Isaías são ainda mais relevantes para João 8.58 do que as palavras de Deus em Êxodo 3.14. A TNM traduz essas declarações como “Eu sou o mesmo” ou “Eu sou o Mesmo,” que esconde ainda mais o paralelo. Em hebraico dizem literalmente “Eu [sou] ele,” e na Septuaginta foram traduzidas por *ego eimi*, “Eu sou” (Is 41.4; 43.10; 46.4; 52.6; cf. 45.18). (19) Em terceiro lugar, a alegação das testemunhas de Jeová que em João 8.58 Jesus estava meramente asseverando que Ele era mais velho do que Abraão não se encaixa no contexto. É verdade que os judeus ressaltaram que Ele ainda não tinha cinquenta anos (v. 57). Não se tratava, porém, de uma pergunta a respeito da Sua idade real (pois nenhum ser humano do século I teria a mínima possibilidade de ter vivido nos dias de Abraão, uns 2.000 anos antes!) A questão realmente em debate na totalidade do capítulo 8 é a identidade de Jesus (João 8.12, 19, 24, 25, 28, 53). A pergunta, então, tratava realmente de quem Jesus pensava ser (sendo Ele um homem na vida plenamente adulta) para alegar que tinha visto Abraão. (20)

Nesse contexto Jesus não declara meramente ser Ele mais velho do que Abraão. A mesma coisa poderia ter sido reivindicada por Gabriel, pelos anjos, ou até mesmo pelo Diabo. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p115)

Devemos realmente acreditar que Gabriel ou o Diabo poderia dizer: “Antes que Abraão existisse, Eu sou”? A verdade é que essa declaração era uma reivindicação por ser Ele eterno existente sem começo, por contraste com Abraão, que teve um começo. Essa verdade encaixa-se no contexto em que Jesus declarava ser maior do que Abraão vv. 52-57). Harmoniza-se, também, com a linguagem exata que foi empregada, e que contrasta “veio a existir” com “sou.” (21) Esse mesmo contraste, que emprega até mesmo as palavras idênticas, acha-se na tradução na Septuaginta do Salmo 90.2, que diz a Jeová: “Antes de os montes serem levados à existência... de eternidade a eternidade tu és.” (22) Posto que as testemunhas de Jeová reconhecem que no Salmo 90.2 a linguagem indica que Jeová é eterno, assim também devem reconhecer que a linguagem de Jesus em João 8.58 indica a mesma coisa a respeito dEle mesmo.

“Igual a Deus”

Filipenses 2.6, na TNM, diz a respeito de Cristo: “O qual, embora existisse em forma de Deus, não deu consideração a uma usurpação, a saber, que devesse ser igual a Deus.” (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p115)

As testemunhas de Jeová argumentam que aqui Paulo está dizendo que Jesus não era igual a Deus e nem sequer considerava tentar fazer-se igual a Deus. Reconhecem que esse versículo tem sido entendido no sentido de Jesus ter sido igual a Deus, mas que Ele não considerava a igualdade com Deus como algo que precisava manter firme, mas argumentam que a palavra *harpagmos* (“uma usurpação,” TNM) não pode ter aquele significado. Procuram apoio no comentário de Ralph Martin, que citam: “É questionável, porém, se o sentido do verbo [*harpazō*, o verbo do qual se forma *harpagmos*] pode desviar de seu sentido real de ‘usurpar,’ ‘arrebatar violentamente,’ para o de ‘reter com firmeza’” (pág. 25).

No entanto, Ralph Martin (cujo livro anterior sobre Filipenses 2.5-11) (23) oferece uma interpretação desse versículo-chave que é diferente daquela das testemunhas de Jeová. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p116)

(...) Martin declara que “subsistindo na forma de Deus relembra a existência pré-temporal do nosso Senhor como a Segunda Pessoa da Trindade.” (24) Em seguida examina as interpretações possíveis da frase “não considerou a igualdade com Deus uma coisa a ser agarrada” (NASB). As opiniões tradicionais eram que Cristo era igual a Deus e não considerava que isso fosse errado, ou que Ele fosse igual a Deus e não se agarrou a essa condição. Essas opiniões são consideradas inadequadas. (25) Assim, temos de ficar com a opinião de que Cristo, quando estava “na forma de Deus,” não procurou agarrar, ou conseguir com força, a igualdade com Deus. Até aqui esse argumento talvez pareça uma confirmação das opiniões das testemunhas de Jeová, mas no seu livro anterior, Martin faz uma distinção importante que as testemunhas de Jeová deixam passar despercebida. Martin relaciona a “igualdade como Deus” em Filipenses 2.6, () “igual a Deus” em João 5.18. Na base de expressões paralelas na literatura judaica rabínica, entende que as duas expressões significam, não a igualdade substancial da natureza divina que Cristo possuía desde a eternidade como a segunda pessoa da Trindade, mas uma “igualdade” (...). Martin conclui que Cristo era por Seu próprio direito (de jure) igual a Deus no sentido de possuir a natureza de Deus, e poderia ter exigido que as Suas criaturas O adorassem como tal; mas Ele optou por buscar a igualdade de fato (de jacto), sem a exigir independentemente do Seu Pai, mas, pelo contrário, por meio de humilhar-se como homem e deixar que o Pai O exaltasse. (26).

O contexto revela que esse modo de raciocínio é essencialmente correto. O própria brochura das testemunhas de Jeová chama a atenção a um aspecto desse contexto. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p117)

Em Filipenses 2.3-5 Paulo diz que devemos seguir o exemplo da humildade de Cristo, e “que cada um considere os outros melhores do que a si mesmo” (v.3 Douay, conforme é citado na brochura, pág.25). Na base dessa declaração, a brochura conclui que Jesus “reputava a Deus como sendo melhor do que ele”, e que assim negou ter qualquer tipo de igualdade com Deus (pags.25-26). Mas essa conclusão é o inverso do argumento no contexto. Paulo não está dizendo aos cristãos que são realmente inferiores uns aos outros (obviamente não, pois nem todo cristão pode ser inferior a todo outro cristão!), mas que devem tratar uns aos outros como se a outra pessoa fosse mais importante, ou melhor. E então ele cita o exemplo supremo: Cristo, na realidade, não era inferior a Deus, e poderia ter reivindicado o direito de ser tratado como igual a Deus; mas, ao contrário, Ele optou por fazer-se o servo de Deus e humilhar-se como homem, até o ponto da morte (w.7-8). Isso se encaixa com perfeição com a doutrina da Trindade, porque ensina que as três pessoas são iguais na sua natureza, mas tão perfeitas no amor que procuram glorificar umas às outras, ao invés de a si mesmas.

A outra característica principal do contexto que indica que Jesus era verdadeiramente Deus é o fato de que nos vv. 9-11 Paulo diz que (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p118)

Deus exaltou Jesus sobremaneira e Lhe deu “o nome que está acima de todo nome,” a fim de que cada um confesse Jesus como Senhor. Conforme indica Ralph Martin, a linguagem empregada aqui (parafrazeando as palavras de Jeová em Is 45.23) e o emprego da palavra Senhor indicam que “o nome que está acima de todo nome” é Senhor, a palavra que no Novo Testamento Grego substitui Jeová. (27)As testemunhas de Jeová usualmente argumentam que isso é impossível, porque se Jesus fosse Jeová, Ele sempre teria tido aquele nome, e não precisaria ser “exaltado” por Deus nem receber aquele nome “dado.” Mas esse argumento deixa despercebida a lição do texto, que é que o Filho de Deus humilhou-se ao tornar-se homem, e que assim colocou-se na posição de precisar ser exaltado pelo Pai e revelado pelo Pai como o verdadeiro Senhor Jeová. Assim como Jesus era o Filho de Deus, o Messias, e o Senhor, pelo menos desde o Seu nascimento (Lc 1.35; 2.11), mas foi revelado ou declarado, pela Sua ressurreição (At 2.36; Rm 1.4), assim também Ele era Jeová, Deus na carne, o tempo todo, mas só foi publicamente exaltado pelo Pai como tal, depois de ter sido ressuscitado dentre os mortos (Fp 2.6-11).

Jesus Cristo, portanto, não foi um deus inferior (...), nem um segundo Deus independente, que asseverasse os Seus direitos como Deus sobre o mundo que Ele criara. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p 118-119)

Pelo contrário, Ele foi o humilde Filho de Deus, que possuía a natureza de Deus e que tinha todo o direito de ser reconhecido como tal, mas que voluntariamente escolheu, por causa do Seu grande amor, humilhar-se diante do Pai e servir a Deus e os homens como o Salvador do mundo, dependendo do Pai para exaltá-Lo segundo a Sua perfeita vontade.

Jesus como Deus; não apenas um título

Além dos trechos bíblicos (...), existem mais quatro textos na Bíblia que não foram estudados na brochura das testemunhas de Jeová, mas que dão testemunho claro da verdade que Jesus Cristo é Deus Jeová. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p119)

Esses textos também demonstram por que é tão importante reconhecer Jesus como Deus. Esses quatro textos são: Tito 2.13, “do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus”; 2 Pedro 1.1, “nosso Deus e Salvador Jesus Cristo”; 1 João 5.20, que chama Jesus Cristo “o verdadeiro Deus e a vida eterna”; e Hebreus 1.8-12, que chama Cristo Deus e Senhor. A tradução dos dois primeiros desses textos é freqüentemente disputada. E assim, a TNM os traduz como “do grande Deus e [do] Salvador de nós, Cristo Jesus” (Tito 2.13) e “de nosso Deus e [do] Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 1.1). Mas o acréscimo da palavra do entre parênteses (que indica que não se acha no grego original), tentando fazer “Deus” uma pessoa diferente do “Salvador,” é incorreto (a despeito do fato de que alguns tradutores tenham feito assim). Esses trechos seguem exatamente a mesma construção que se acha nas expressões “nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo,” “o Senhor e Salvador () Jesus Cristo,” e “o Senhor e Salvador” (2 Pedro 1.11; 2.20; 3.2, 18). Essa construção em grego liga dois substantivos por meio da palavra grega *kai* (que significa “e”), e coloca o artigo definido “o” na frente do primeiro substantivo, mas não do segundo (p.e., “o Senhor e Salvador”). A verdade é que cada vez que essa construção ocorre, quando os substantivos estão no singular e são substantivos comuns que descrevem pessoas (Pai, Filho, Senhor, Salvador, irmão, etc.), os dois substantivos são usados para se referirem à mesma pessoa. (28) Portanto, a construção usada, e especialmente a maneira de Pedro a usar noutros lugares, apóia enfaticamente a conclusão de que em 2 Pedro 1.1 Jesus é chamado “Deus.”

Em Tito 2.13 o contexto também apóia essa interpretação. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p120-121)

Primeiro, a palavra grega traduzida manifestação (ou aparecimento nalgumas traduções) é sempre usada por Paulo com referência a Cristo somente (2 Ts 2.8; ITm6.14; 2Tm 1.10; 4.1, 8; Tito 2.13). Isso faz sentido, posto que Jesus Cristo é a representação ou manifestação visível de Deus (João 1.18; Cl 1.15; Hb 1.2; etc.). Em segundo lugar, três vezes em Tito, a expressão “nosso Salvador” é usada com referência a Deus (1.3; 2.10; 3.4) é então imediatamente depois com referência a Cristo (1.4; 2.13; 3.6). Em todos esses seis textos, as palavras “nosso Salvador” têm o artigo definido grego diante delas, excetuando-se Tito 2.13. A explicação mais fácil (...) dessa omissão é que o artigo definido antes de “Deus” (...) serve como o artigo dos dois substantivos. 1 João 5.20 termina assim: “... seu Filho Jesus Cristo. Esse é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (TNM). Os estudiosos bíblicos discordam entre si quanto à expressão “o verdadeiro Deus”: se é aplicada aqui a Jesus Cristo, ou () ao Pai, de quem Jesus Cristo é o “Filho”. As testemunhas de Jeová, naturalmente, insistem em que o Pai está sendo chamado o verdadeiro Deus. (...), mas o contexto indica o contrário. A declaração: “Esse é o verdadeiro Deus e a vida eterna” refere-se claramente a uma só pessoa que é tanto “o verdadeiro Deus” quanto “a vida eterna.” Mas em 1 João 1.2 Jesus Cristo é identificado como “a vida eterna que estava com o Pai e nos foi manifestada” (TNM). Nesta epístola, portanto, João começa e termina com uma referência a alguém chamado “a vida eterna” - e no começo da epístola é forçosamente Jesus, ao passo que, no fim, a gramática sugere com a maior naturalidade que também é Jesus. Tanto a gramática como o contexto, portanto, indicam muito fortemente a conclusão de que é Jesus Cristo que está sendo chamado “o verdadeiro Deus e a vida eterna.” (...)

Finalmente, Hebreus 1.8-12 é um dos trechos mais poderosos na Bíblia no assunto de Jesus como Deus. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p121)

Os primeiros versículos de Hebreus já declaram que o Filho é o “herdeiro de todas as coisas” (v. 2a; cf. Cl 1.15-17), Aquele através de quem tudo foi feito (v. 2b), a “expressão exata” do próprio Ser de Deus (v. 3a), Aquele que “sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder” (v. 3b), e que realizou a nossa salvação (v. 3c), que é melhor do que todos os anjos (v. 4), e que é adorado pelos anjos (v. 6). O Filho, portanto, já foi descrito como Deus, em essência, identificado como o Criador, Sustentador, Dono e Salvador, () a Quem é atribuída adoração pelos habitantes do Céu. Não deve se constituir uma surpresa, portanto, que no v. 8 Deus Pai diga “acerca do Filho: ‘O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre...’”

Para contornar essa declaração nítida, a TNM traduz assim o v. 8: “Deus é o teu trono para todo o sempre...” Na dependência só de considerações gramaticais, essa tradução seria possível, e alguns estudiosos bíblicos a têm favorecido. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p122)

Se for aceita essa interpretação, o sentido da declaração será o de que Deus é a origem da autoridade de Jesus. (...). Nas Escrituras, um “trono” não é a fonte da autoridade da pessoa, mas a posição ou lugar de onde ela governa. Sendo assim, o Céu é chamado “o trono de Deus” (Mt 5.34). Por certo, Deus não deriva a Sua autoridade do Céu, nem de qualquer pessoa ou objeto! Mas mesmo supondo que “Deus é o teu trono” fosse entendido assim, não faz sentido no contexto. O escritor de Hebreus está citando o Salmo 45.6 e aplicando-o ao Filho a fim de demonstrar que o Filho é muito maior do que qualquer dos anjos. Entretanto, esse versículo não O faz de nenhum modo incomparável ou maior do que os anjos, posto que essas palavras podiam ser ditas a respeito de qualquer um dos anjos obedientes de Deus. De qualquer maneira, a citação seguinte dos Salmos não deixa lugar para dúvidas. Continuando a falar a respeito do Filho, o escritor de Hebreus cita estas palavras (Hb 1.10-12 TNM): Tu, ó Senhor, lançaste no princípio os alicerces da própria terra, e os céus são obras das tuas mãos. Eles é que () perecerão, mas tu és que hás de permanecer continuamente; e todos eles envelhecerão qual roupa exterior, e tu os enrolarás assim como a uma capa, como a uma roupa exterior; e eles serão mudados, mas tu és o mesmo, e os teus anos nunca se acabarão.

No contexto do Salmo 102.25-27 do qual foi feita essa citação, essas palavras são faladas a respeito de Jeová. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p 123)

Se o Filho não era Jeová, não era correto da parte do escritor de Hebreus citar essas palavras a respeito de Jeová e aplicá-las a Jesus na tentativa de comprovar que Ele era superior aos anjos. Além disso, o que esses versículos dizem a respeito de Jesus só pode ser aplicado a Jeová - a saber, que Ele criou os céus e a terra (cf. Is 44.24) e que Ele é imutável e eterno pela Sua própria natureza. A totalidade do primeiro capítulo de Hebreus, portanto, testifica que o Filho, Jesus Cristo, é Ele mesmo Deus. Não é mera questão de possuir o título Deus, embora Ele realmente o possua. É questão de ser Ele Aquele que nos criou, sustenta, e salva; Aquele a quem deve ser prestado culto; Aquele que tem o direito de reinar no trono por toda a eternidade.

Jesus como Jeová

A quantidade de matéria, na Bíblia que sustenta o ensino de que Jesus Cristo é Jeová Deus é realmente assombrosa. Aqui, só temos espaço para resumir uns poucos dos textos mais notáveis nesse sentido que ainda não examinamos. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p123)

(...) Filipenses 2.9-11, que diz que Jesus recebeu “o nome que está acima de todo nome,” o nome Senhor, ou Jeová. Romanos 10.9-13 é ainda mais claro. Aqui, somos ensinados a confessar Jesus como Senhor (w. 9-10), com fé efetiva de que ninguém que confia nEle, Jesus, a rocha na qual os judeus tropeçaram, será decepcionado (v. 11; cf. 9.33), porque Ele é Senhor tanto para os judeus como para os gregos, rico para com todos os que O invocam pedindo a salvação (v.12). Então o v. 13 conclui que quem invocar o nome do Senhor será salvo. No contexto, forçosamente se trata de Jesus, pois é Ele o Senhor que precisa ser invocado por aqueles que querem ser salvos, conforme os w. 9-12 acabaram de dizer; mas a TNM traduz “Senhor” aqui como “Jeová,” porque é uma citação de Joel 2.32, onde o hebraico original tem o Nome Divino! Sendo assim, Jesus é identificado aqui como Jeová. 1Pedro 2.3 é semelhante, pois é uma citação quase literal de Salmo 34.8, onde o Senhor é Jeová; mas os w. 4- 8 também deixam claro que o Senhor no v.3 é Jesus. (30) Além do nome Jeová e o título Deus, Jesus tem outros títulos que pertencem exclusivamente a Jeová. Jesus é o primeiro e o último (Ap 1.17; 22.13; cf. Is 44.6). Ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores (1Tm 6.15; Ap 17.14;19.16). Revela-se que Jesus é Deus mediante os seguintes títulos usados no sentido espiritual e ulterior: Salvador (Lucas 2.11; João 4.42; 1João 4.14; cf. Is 43.11; 45.21- 22;1Tm 4.10), Pastor (João 10.11; Hb 13.20; cf. SI 23.1; Is 40.11), e Rocha (1 Co 10.4; cf. Is 44.8). Jesus também recebe as honrarias devidas somente a Jeová Deus. Ele deve receber a mesma honra concedida ao Pai (João 5.23). Deve ser temido (Ef 5.21), receber amo Jesus também possui as características ou atributos exclusivos de Deus. Ele é exatamente igual a Deus, a própria imagem do Seu Pai (Cl 1.15; Hb 1.3). Toda a plenitude da natureza de Deus habita em Cristo na forma corpórea (Cl 2.9): Noutro livro, as testemunhas de Jeová fazem esse comentário interessante a respeito de Colossenses 2.9: “O fato de Jesus ser verdadeiramente ‘divindade,’ ou ‘de natureza divina,’ não faz com que ele, como Filho de Deus, seja coigual e coeterno com o Pai, assim como o fato de todos os humanos fazerem parte da ‘humanidade’ ou da ‘natureza humana’ não faz com que sejam coiguais ou todos da mesma idade.” (31) É lógico que as pessoas que compartilham da natureza humana não têm a mesma idade, mas isso é porque todos os seres humanos têm um começo. Mas a lição em pauta é que assim como um filho humano é tão “humano” quanto o seu pai, assim também Jesus Cristo, que em Colossenses 2.9 é declarado plenamente “divino,” é, portanto, não menos divino que Seu Pai. A Bíblia também cita atributos específicos que Deus possui exclusivamente, e que Cristo possui. Ele existe por Si mesmo (João 5.26); é imutável (Hb 1.10-12; 13.8); é eterno (João 1.1-2; 8.58; 17.5; Cl 1.17; Hb 1.2,12); é onipresente, atributo este que as testemunhas de Jeová negam mesmo a Deus (Mt 18.20; 28.20; Ef 1.23; 4.10; Cl 3.11); e além do entendimento humano (Mt 11.25-27). (...) O ensinamento bíblico de que Jesus Cristo é Jeová, o Senhor de todos, Deus existente na carne, acha-se em todas as partes do Novo Testamento. (...).

O Espírito Santo é uma força?

As testemunhas de Jeová acreditam que não existe nenhuma pessoa chamada “o Espírito Santo.” Pelo contrário, acreditam que “espírito santo” é uma força impessoal. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p127)

Segundo a brochura das testemunhas de Jeová, espírito santo é “uma força controlada que Jeová Deus usa para realizar uma variedade de propósitos” (pág. 20). Deus usa () essa “força ativa” para criar, para esclarecer os seus servos, para transmitir informações ao seu povo (como as ondas do rádio), para energizar as pessoas para serem corajosas e para fazer coisas que normalmente estariam além da capacidade humana e para executar os Seus juízos (págs. 20-22).

Mas por que o Deus das testemunhas de Jeová precisa de semelhante força? (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p127-128)

Pela simples razão porque acreditam que Jeová não é onipresente. Acreditam que Deus tem um corpo composto de espírito, que está localizado nalgum lugar nas alturas do céu, sem dúvida bem longe, mas pelo menos nalgum lugar dentro do universo físico do tempo e do espaço. (1) Tudo isso contradiz a Bíblia, que ensina que Deus criou os céus (Gn 1.1; SI 102.25-27; Is 44.24; Hb 1.10-11; etc.); se Deus criou os céus, onde estava Seu corpo espiritual antes dEle os ter criado? A Bíblia ensina que Deus não pode ser contido dentro dos céus (1 Rs 8.27; Is 66.1; At 7.48-49), que Ele enche o universo (Jr 23.23-24; At 17.27-28), e que semelhantemente Cristo, que também é Deus, está presente em todos os lugares (Mt 18.20; 28.20) e que enche todas as coisas (Ef 1.23; 4.10; Cl 3.11). Mas as testemunhas de Jeová negam essas verdades. (...). Conseqüentemente, o Deus adorado pelas testemunhas de Jeová precisa de muita ajuda para fazer cumprir a Sua vontade. Depende muito das Suas legiões de anjos para levarem os Seus recados, para descerem à Terra e descobrirem o que está acontecendo e então voltar para informá-Lo, para executarem os Seus planos, e assim por diante. (Por contraste, o cristianismo ortodoxo ensina que Deus não precisa dos Seus anjos para fazer coisa alguma, mas simplesmente se apraz em operar através deles a fim () de deixá-los deleitar-se em fazer parte da Sua grande obra , no universo). Mas para qualquer coisa que Ele mesmo faz, precisa operar através da força impessoal chamada “espírito santo.” Diferentemente do próprio ser de Deus, “o espírito de Deus pode alcançar toda parte” (pág. 21). Quando, portanto, o Salmo 139.7-12 diz que o próprio Jeová está em todos os lugares, as testemunhas de Jeová entendem que isso significa que Ele tem a capacidade de exercer a Sua influência em todos os lugares mediante a atividade dessa Sua força.

Sempre deve ser mantido em mente que as testemunhas de Jeová não acreditam no mesmo tipo de Deus que os cristãos ortodoxos, menos a doutrina da Trindade. Não acreditam no mesmo tipo de Deus, (...). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p129)

O Deus ortodoxo é absolutamente infinito, o Criador do espaço, do tempo, da matéria e da energia, que transcende todas as limitações finitas, Onipresente, Onipotente, Onisciente. O Deus das testemunhas de Jeová não é nenhuma dessas coisas. Surge um enigma curioso quando perguntamos a respeito da natureza da “força” de Deus. Não é Deus, segundo as testemunhas de Jeová, pois é uma força impessoal que Deus emprega. Nem é uma coisa criada, pois Deus a empregou para criar todas as coisas. De onde, pois, surgiu? Se não é nem Criador nem criatura, nem Deus nem coisa criada, o que é? Parece que existem apenas duas maneiras de responder a essa pergunta (que as testemunhas de Jeová parecem ter deixado sem resposta). Essa força pode ser considerada uma fonte de energia que emana do próprio corpo espiritual de Deus. Mas assim surge a dúvida perturbadora de se é infinito o suprimento que Deus tem dessa força. Se ele tem um corpo finito composto de uma quantidade limitada de () espírito, pode esgotar-se a quantidade de espírito à sua disposição? Ou ele tem algum jeito de reciclá-lo?

A outra maneira de responder à pergunta é dizer que essa força coexiste lado a lado com Deus por toda a eternidade, e que ele a emprega para os seus propósitos. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p130)

Mas nesse caso, teríamos algo fora de Deus, que existe eternamente, independentemente de Deus - algo que ele não criou e, portanto, que ele não pode destruir. Essas duas explicações não servem para ajudar na resposta a outra pergunta - a saber, como Deus, que está localizado nalgum lugar muito distante, consegue controlar essa força a partir de uma distância de tantos trilhões de quilômetros. O Deus trinitário não tem problemas assim. (...) O Espírito Santo não é nada menos do que o próprio Deus. Deus está presente em todos os lugares, de modo que não tem problemas em controlar as Suas obras. Ele não precisa de nenhuma força fora de Si mesmo para fazer as Suas obras, nem precisa emanar alguma parte da Sua própria energia para lugares distantes da Sua presença a fim de “estar ali.” Já até a estas alturas, uma coisa deve ficar clara o Deus trinitário, por mais misterioso que seja, é um Deus muitíssimo mais grandioso do que aquele que é adorado pelas testemunhas de Jeová. Um Deus assim tão grandioso merece muito mais respeito, honra, e louvor, e Ele nos dá motivo de tanta maior confiança na Sua capacidade de fazer o que promete.

Mas o que diz a Bíblia a respeito do Espírito Santo? Ensina que o Espírito Santo é uma pessoa, ou não? O Espírito Santo é Deus, ou algo que Deus usa? (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p131)

Que o Espírito Santo é uma pessoa divina pode ser visto em Atos cinco, onde Pedro diz a Ananias, primeiramente que este “mentiu ao Espírito Santo” e em seguida: “Não mentiste aos homens, mas a Deus” (Atos 5.3,4). A TNM coloca “trapacear” no lugar de “mentir ao”, talvez para diminuir o impacto das palavras “mentir ao Espírito Santo” mediante o emprego de uma expressão não tão obviamente pessoal. Mas fora disso, a implicação fica bastante clara: O Espírito Santo é uma pessoa a quem se pode mentir, e é equiparado com Deus. Há, na realidade, numerosas referências ao “Espírito Santo,” ou, freqüentemente, simplesmente ao “Espírito,” que subentendem claramente que Ele é uma pessoa.

Mateus 28.19 diz que os cristãos devem ser batizados “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p131-132)

Posto que se sabe que o Pai e o Filho são pessoas, e posto que a palavra nome é empregada aqui com referência ao Espírito Santo também, pareceria que o Espírito Santo está sendo referido como pessoa também aqui. A brochura das testemunhas de Jeová oferece duas considerações para tentar repudiar esse argumento. - Primeiro, declaram que “a palavra ‘nome’ nem sempre significa um nome pessoal, quer em grego quer em () português,” e oferecem como exemplo a expressão “em nome da lei” (pág. 22). Não oferecem, porém, nenhum exemplo do grego bíblico. Na realidade, a palavra grega que significa “nome” (onoma) é empregada cerca de 228 vezes no Novo Testamento, e, excetuando-se quatro nomes de localidades (Mc 14.32; Lc 1.26; 24.13; At 28.7; cf. Ap 3.12) sempre se refere a pessoas. Procurar lançar a expressão idiomática moderna “em nome da lei” para dentro do texto de Mateus 28.19, tão antigo, é simples anacronismo. Em segundo lugar, a brochura cita WordPictures in the New Testament (“Quadros Verbais no Novo Testamento”), de A.T. Robertson, dizendo que a palavra nome é usada “para poder ou autoridade.” Isso é verdade, naturalmente, mas sempre representa o poder ou autoridade dalguma pessoa, e nunca alguma força impessoal. Uma força impessoal não pode ter autoridade; somente uma pessoa o pode. (...) Percebe-se facilmente que o modo de interpretação dos trinitários de Mateus 28.19 encaixa-se melhor no texto do que a interpretação das testemunhas de Jeová. Segundo as testemunhas de Jeová, Jesus aqui ordena que os cristãos sejam batizados em nome do Deus eterno pessoal Jeová, do deus inferior angelical criado, Jesus, e da força ativa impessoal que Deus emprega de modo desconhecido. Segundo os trinitários, Jesus nos mandou batizar em nome das pessoas divinas do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.

O Outro Ajudador

Em João caps. 14-16 Jesus fala extensivamente a respeito do Espírito Santo, chamando-o O “Ajudador” ou () “Consolador” (grego paraklêtos). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p132-133)

A única consideração feita pela brochura da Torre de Vigia no tocante ao ensino desse trecho a respeito do Espírito Santo é trivial. Indica que o emprego de pronomes masculinos com referência ao Espírito Santo não comprova que Ele é pessoa, mas é imposto pela gramática, posto que paraklêtos é um substantivo masculino. Embora alguns escritores tenham tirado desses pronomes masculinos conclusões demasiadas, existem muito mais nessa passagem que testifica de personalidade do Espírito. Em primeiro lugar, há o emprego por Jesus da expressão “outro ajudador” (João 14.16 TNM). A palavra outro subentende claramente que há um primeiro “Ajudador” (ou: “Consolador”), que é Jesus Cristo; e na primeira Epístola de João, este chama Jesus explicitamente de nosso “ajudador ou advogado junto ao Pai” (1 João 2.1 TNM). Posto que o primeiro Ajudador, Jesus Cristo, é uma pessoa, normalmente esperaríamos que o outro Ajudador também fosse uma pessoa. Essa expectativa é confirmada pelo emprego da palavra paraklêtos, que parece ter sido usada quase sempre no sentido de um conselheiro jurídico, um representante pessoal, um advogado, defensor ou ajudador. (2) No contexto, Jesus está dizendo que, embora Ele esteja de partida, os discípulos não serão deixados sozinhos, porque o Espírito virá para ser outro Ajudador.

Posteriormente, Jesus diz aos discípulos: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p134)

“Quando chegar o Ajudador que eu vos enviarei do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, esse dará testemunho de mim, e vós igualmente haveis de dar testemunho...” (15.26-27TNM). Diz-se, de novo, que o Ajudador é enviado; ele “chega”, palavra esta que não se diz normalmente a respeito de uma força (tal como uma onda de rádio); e ele realiza ainda mais uma função pessoal, o de dar testemunho de Cristo. É notável que os discípulos são ordenados a dar testemunho depois de receberem o testemunho dado pelo Espírito; mais uma vez, a implicação é que os dois atos de dar testemunho são atos pessoais. A explicação mais extensiva feita por Jesus do ministério do Ajudador aparece no capítulo 16. Aqui, Jesus diz aos discípulos que, quando Ele for embora, “enviará” a eles o Ajudador (16.7). Quando o Ajudador “chegar, dará ao mundo evidência convincente a respeito do pecado, e a respeito da justiça, e a respeito do julgamento” (16.8 TNM). Além disso, “quando esse chegar, o espírito da verdade, ele VOS guiará a toda a verdade, pois não falará de seu próprio impulso, mas falará as coisas que ouvir e VOS declarará as coisas vindouras. Esse me glorificará, porque receberá do que é meu e VO[-lo] declarará” (16.13- 14 TNM).

De novo, é dito que o Espírito Santo é enviado e que chega; vem trazer evidências de como o mundo atenta ao pecado, do padrão divino da justiça, e do juízo iminente de quem não se arrender. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p134)

Guia os discípulos a toda a verdade. Não fala por sua própria iniciativa, mas diz tudo quanto ouve da parte de Jesus e do Pai, procurando só glorificar a Cristo. Certamente é absurdo dizer que uma () força impessoal dirá nada por conta própria, mas somente o que ela ouvir dizer. O Espírito Santo é descrito aqui como sendo humilde, abnegado, e zeloso só pela glória do Filho. Nenhum atributo é mais pessoal do que a humildade!

Reconhecemos que é possível escolher algumas das características da doutrina dessa passagem a respeito do Espírito Santo e imaginar como poderiam ser aplicadas a uma força 32As testemunhas de Jeová reconhecem que a palavra espírito pode referir-se a uma pessoa. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p135)

O Espírito Santo vs. espíritos impuros

As testemunhas de Jeová reconhecem que a palavra espírito pode referir-se a uma pessoa. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p135)

Sendo assim, reconhecem que Jeová é uma pessoa; consideram que Jesus é um espírito, e também uma pessoa; sustentam que o Diabo e os seus demônios, sendo todos eles espíritos maus, também são pessoas; e acreditam que alguns cristãos serão ressuscitados como espíritos, e que viverão no Céu como pessoas espirituais. Deve ser admitido como possível, portanto, que “o Espírito Santo” também é uma pessoa. Conforme já vimos, existem algumas evidências em favor dessa conclusão. Outra linha importante de evidência provém do fato de que a Bíblia contrasta o Espírito Santo com espíritos impuros. Existem pelo menos três trechos no Novo Testamento onde fica explícito esse contraste. Em Marcos 3.22 os escribas acusam Jesus de expulsar demônios “por meio do governante dos demônios” (TNM), () ou seja: com a ajuda do Diabo. Depois de argumentar que é uma contradição lógica dizer que Satanás expulsa Satanás (w. 23-27), Jesus lhes adverte: “Deveras, eu vos digo que todas as coisas serão perdoadas aos filhos dos homens, não importa que pecados e blasfêmias cometam blasfemamente. No entanto, quem blasfemar contra o Espírito Santo, nunca terá perdão, mas é culpado de pecado eterno.” Marcos acrescenta, então: “Isto, porque diziam: ‘Ele tem um espírito impuro’” (w. 28-30 TNM).

Duas coisas aqui merecem a nossa atenção especial. A primeira é que é possível blasfemar contra o Espírito Santo. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p136)

Isso não comprova, por si mesmo, nem que o Espírito Santo é uma pessoa, nem que Ele é Deus, posto, que por exemplo, “a palavra de Deus” pode ser blasfemada (Tito 2.5). No entanto, o fato de que esse é o pior tipo de blasfêmia que pode ser cometido sugere enfaticamente que o Espírito Santo é o próprio Deus. Além disso, no trecho paralelo em Mateus, Jesus diz que “quem falar uma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas quem falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado...” (Mt 12.32 TNM). Aqui, falar contra a pessoa do Filho do homem é contrastado com falar contra o Espírito Santo, que é considerado muito pior. A implicação é porque o Espírito Santo é uma pessoa divina. A segunda coisa a ser notada, e talvez ainda mais importante, é que o Espírito Santo é contrastado com um espírito impuro (Marcos 3.29-30). Isto é: Jesus, ao ser acusado de ter um espírito impuro, respondeu que, na realidade, Ele tem um espírito santo - o próprio Espírito Santo, na realidade. Posto que os espíritos impuros que Jesus expulsou eram entidades pessoais e não forças impessoais, assim o próprio Espírito Santo, por cujo poder Jesus os expulsou, também era uma pessoa.

Outro trecho que contém um contraste é 1 Timóteo 4.1, ' que diz: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p137)

“Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e doutrinas de demônios.”- O contraste entre “o Espírito” e “espíritos enganadores” convida à conclusão de que “o Espírito” é uma pessoa, e não uma mera força; e essa maneira de entender é reforçada pelo fato de que se declara que “o Espírito” falou. Esse texto indica tão claramente a personalidade do Espírito que a TNM faz uma tradução falsa, dizendo: “No entanto, a pronúncia inspirada diz definitivamente que nos períodos posteriores de tempo alguns se desviarão da fé, prestando atenção a desencaminhadoras pronúncias inspiradas...” Que essa é uma tradução falsa vê-se no fato de que os “espíritos enganadores” são ligados com “doutrinas de demônios, ”que indicam que esses “espíritos” são realmente seres malignos e não meras “pronúncias.”

Neste contexto, esse fato fica muito significativo porque no versículo anterior, João fala a respeito do “espírito que ele nos deu” (1 João 3.24 TNM), ou seja: do Espírito Santo. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p137)

A razão da sua advertência em 1 João 4.1 “não deis crédito a qualquer espírito” é que existem espíritos falsos que alegam provir da parte de Deus, mas que realmente são do Diabo. Assim fica subentendido que o Espírito que Deus tem dado a cada cristão, “o Espírito da verdade” (1 João 4.6, cf. João 14.17; 15.26; 16.13), é um espírito pessoal, da mesma maneira que o demoníaco “espírito do erro” (1 João 4.6).

Pessoa ou personificação?

Quase toda a matéria bíblica apresentada supra para sustentar a personalidade do Espírito é evitada pela brochura das testemunhas de Jeová. (além de muita outra matéria que o presente livro não está discutindo). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p138)

Mas, em princípio, as testemunhas de Jeová têm uma explicação para tudo isso. É simplesmente “personificação” - a praxe de descrever uma realidade impessoal como se fosse pessoal. A brochura indica que a sabedoria tem filhos (Lucas 7.35), o pecado e a morte são chamados “reis” (Rm 5.14, 21), e a água e o sangue, juntamente com o Espírito, são chamados “testemunhas” (1 João 5.8). (...) Ninguém pensa que o pecado é uma pessoa, pois noutro lugar recebe uma definição abstrata explícita como atos de incredulidade (Rm 14.23) ou como deixar de praticar o que é certo (Tiago 4.17) ou como transgressões da lei (1 João 3.4). Ninguém pensa que a morte ou a água ou o sangue são pessoas. Ninguém pensa que a sabedoria é uma pessoa, embora algumas pessoas pensem que no Livro de Provérbios, “sabedoria” às vezes retrata Cristo figuradamente. Por outro lado, a maioria das pessoas (inclusive a maioria dos antitrinitários) que já leram o Novo Testamento, tem pensado que o Espírito Santo é uma pessoa, e isso por bons motivos, conforme tem sido explicado.

As testemunhas de Jeová, no entanto, acreditam que existem tais indicações nas Escrituras da natureza impessoal do Espírito Santo. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p139)

A brochura das testemunhas de Jeová oferece alguns exemplos típicos dessas indicações (págs. 21 -22). Podemos comentá-los resumidamente como exemplos do raciocínio errôneo mediante o qual as testemunhas de Jeová negam que o Espírito Santo é uma pessoa. Supostamente, o Espírito Santo algumas vezes é equiparado com o poder de Deus (Jz 14.6; Lc 5.17). Mas, na realidade, nenhum desses textos diz que o Espírito Santo é o poder de Deus. De fato, Juízes 14.6 não chega realmente a usar a palavra poder ou qualquer sinônimo. O Espírito Santo apareceu na forma de uma pomba (Marcos 1.10); mas isso não comprova a impessoalidade do Espírito Santo mais do que o fato de Jeová (ou Seu anjo) ter aparecido a Moisés como um fogo numa sarça (Êx 3.2- 4) comprova que Jeová (ou Seu anjo) não é uma pessoa. O Espírito Santo é assemelhado com o fogo (Mt 3.11; Lc 3.16); mas conforme acabamos de ver, Deus apareceu como fogo a Moisés, e a Bíblia diz noutros textos (falando figuradamente, é claro) que Deus é um fogo (Dt 4.24; 9.3; Hb 12.29). Ficar cheio do Espírito é comparado com ficar bêbado com vinho (Ef 5.18); certo; mas a mesma epístola diz aos cristãos que devemos ficar cheios de Deus (Ef 3.19; 4.10). A lição ensinada em Efésios 5.18 é justamente que devemos entregar o controle da nossa vida, não a alguma substância impessoal (tal como o vinho), mas, sim, devemos ser controlados somente por Deus, na pessoa do Seu Espírito.

O Espírito Santo é supostamente “incluído entre várias outras qualidades” (pág. 22) em 2 Coríntios 6.6, mas segundo esse raciocínio o Espírito Santo deve ser uma qualidade, e não uma força. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p140)

Resumindo: esses argumentos demonstram, não que o Espírito Santo seja uma força impessoal, mas também que Ele age de maneiras que não são facilmente retratadas como as ações de um ser humano. Porque o Espírito Santo opera no íntimo de um número incontável de indivíduos, opera de modo invisível, e geralmente passa despercebido. Ele convida a comparação com forças impessoais nalgumas figuras de linguagem e manifestações simbólicas. Mas que Ele pessoalmente não é uma força impessoal tem sido revelado claramente através do ensino de Jesus Cristo em João caps. 14 - 16, Marcos 3, Mateus 28.19, e noutros textos bíblicos.

O Trinitarismo no Novo Testamento

O trinitarismo representa a unicidade absoluta de Deus e a crença de que somente Deus nos criou e de que somente Ele nos salva. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p141)

Temos visto evidências de que Jesus Cristo é Deus, e de que o Espírito Santo é uma pessoa que também é Deus. E temos desenvolvido esses ensinamentos bíblicos em plena harmonia com as distinções claras que a Bíblia faz entre o Pai e o Filho, e com a distinção entre o Espírito Santo e o Pai e o Filho. O que temos por enquanto, pois, são os elementos da doutrina da Trindade. Mas a Bíblia nos encoraja a pensar () em Deus como Pai, Filho, e Espírito Santo? Essa qualidade tríplice fica evidente na própria Bíblia, ou foi imposta artificialmente na Bíblia?

“Textos que provam” a Trindade (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p142)

A atenção é usualmente focalizada nesse contexto nos versículos tais como Mateus 28.19, onde Jesus ordena o batismo “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.” Também são mencionados comumente 1 Coríntios 12.4- 6 e 2 Coríntios 13.14. (...). É interessante notar o comentário da brochura das testemunhas de Jeová sobre esses textos: “Dizem esses versículos que Deus, Cristo, e o Espírito Santo constituem uma Divindade Trina, que os três são iguais em substância, poder e eternidade? Não, não dizem, assim como o fato de alistar três pessoas, como fulano, sicrano e beltrano não significa que sejam três em um” (pág. 23). Indicam, ainda, que “Abraão, Isaque e Jacó,” bem como “Pedro, Tiago e João,” são mencionados juntos numerosas vezes, “o que tampouco os torna um.

Um panorama, do trinitarismo do Novo Testamento

A história do Novo Testamento é a história dos atos do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p145)

A figura central é obviamente o Filho, Jesus Cristo; mas Ele vem para revelar o Pai e para nos reconciliar com o Pai e, depois da Sua ascensão, Ele envia o Espírito Santo a fim de glorificar o Filho e levar as pessoas a conhecerem o Filho como Senhor, para a glória do Pai. Essa estrutura segue como fio de meada na totalidade do Novo Testamento, desde Mateus até ao Apocalipse, desde o nascimento de Jesus até às revelações dadas ao último dos apóstolos.

A Trindade nos Evangelhos

Podemos começar seguindo a pista desse padrão nos Evangelhos. Jesus Cristo, o Filho de Deus, é concebido mediante o poder do Espírito Santo (Lucas 1.35). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p146)

Conforme já foi notado, quando Jesus foi batizado, o Espírito Santo desceu sobre Ele, e o Pai proclamou que Jesus é Seu Filho (Mt 3.16-17; Mc 1.10-11; Lc 3.21-22; Jo 1.32-34). Jesus enfrenta a tentação no deserto (...) (Lc 4.1-12). Promete aos discípulos que não precisarão preparar de antemão o que devem dizer ao serem julgados pela sua fé, porque as palavras lhes serão dadas pelo Espírito do seu Pai (Mt 10.20, por Cristo (Lc 21.15), e pelo Espírito Santo (Mc 13.11; Lc 12.12). Jesus vem preparar o caminho para a vinda do Espírito, que encherá os que crerem em Cristo com uma vida que transborda de adoração ao Pai (Jo 4.10-26; 7.37-39). Depois de Jesus ter ascendido, o Pai enviará o Espírito Santo em nome do Filho (Jo 14.16-17, 26; 15.26; 16.7). O Pai, Filho e Espírito Santo habitarão no crente (Jo 14.17, 23). Tudo quanto o Pai tem pertence ao Filho, e tudo quanto o Espírito nos revela provém do Filho (Jo 16.14-15). Assim como o Pai enviou o Filho, assim também o Filho envia os discípulos no poder do Espírito Santo (Jo 20.21-22), com a comissão para batizar em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo (Mt 28.19).

A Trindade em Atos

(...) Jesus, depois de lembrar aos discípulos a promessa do Pai no sentido de enviar o Espírito Santo no lugar do Filho (At 1.4-5), manda que deixem o futuro nas mãos do Pai ao testemunharem de Jesus no poder do Espírito Santo (1.7-8). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p146)

Jesus então sobe ao Céu, e no Dia do Pentecostes envia o Espírito Santo da parte do Pai, conforme o próprio Jesus prometera (2.33). Aqueles que são chamados por Deus e que correspondem com arrependimento e fé são batizados em nome de Jesus e recebem o Espírito Santo (2.38-39). Ananias e Safira foram condenados por terem mentido ao Espírito Santo, a Deus, e ao Espírito do Senhor (5.3, 4, 9). Os apóstolos pregam Jesus como Cristo e Salvador àqueles que recebem o testemunho do Espírito Santo através deles (5.30-32). Nos seus últimos momentos, Estêvão, o primeiro mártir da igreja, ficou cheio do Espírito Santo e viu Jesus à destra de Deus (7.55-56). Depois de ouvir a mensagem de que Deus ungiu Jesus Cristo, o Senhor de tudo, com o Espírito Santo (10.36-38), Cornélio e a sua família receberam o Espírito Santo, exaltaram a Deus, e foram batizados em nome de Jesus (10.44-48; 11.15-18). Posteriormente, Pedro, que tinha pregado a Cornélio, narrou que Deus concedera a salvação e o dom do Espírito Santo aos gentios mediante a graça do Senhor Jesus (15.8-11). Paulo mandou os presbíteros em Éfeso a zelarem pela igreja de Deus, que Deus comprara mediante o sangue de Cristo e sobre a qual o Espírito Santo os constituíra bispos (20.28). O Livro de Atos termina quando Paulo cita as palavras que o Espírito Santo falou através de Isaías a respeito da incredulidade dos judeus, e de passar a pregar aos gentios o reino de Deus e a ensinar a respeito do Senhor Jesus Cristo (28.25-31).

A Trindade em Paulo

Esse padrão trinitário passa a ser ainda mais evidente nas epístolas de Paulo, mas o espaço disponível só permite que mencionemos alguns dos trechos mais notáveis no assunto. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p148)

Começemos com a Epístola aos Romanos. Paulo prega o Evangelho de Deus, a respeito do Seu Filho, cuja filiação foi vindicada pela Sua ressurreição mediante o Espírito da santidade (Rm 1.1-4). O amor de Deus nos foi revelado na morte do Seu Filho e colocado em nossos corações mediante o Espírito Santo (Rm 5.5-10). Deus enviou o Seu Filho para nos livrar da morte e nos vivificar no Seu Espírito (Rm 8.2-4), que é tanto o Espírito de Deus quanto o Espírito de Cristo (Rm 8.9-11). Mediante o Seu Espírito habitando em nós, somos filhos adotados de Deus, em união com Cristo, e assim temos o privilégio de conhecer Deus como Pai (Rm 8.14-17). Passando, agora, a examinar as Epístolas de Paulo aos Coríntios, o apóstolo diz que os cristãos são lavados, santificados, e justificados em nome de Jesus e no Espírito de Deus (1 Co 6.11). Apesar da diversidade dos dons, há o mesmo Espírito, Senhor, e Deus (1 Co 12.4-6). O Espírito distribui os dons segundo Ele quer ao corpo de Cristo, de modo que cada membro fique onde Deus deseja (1 Co 12.11-12, 18). Deus alicerça os cristãos em Cristo, o Filho de

Deus, e nos dá o Espírito (2 Coríntios 1:19-22). A nova aliança é um ministério do Espírito, transformando - nos para que reflitamos a imagem gloriosa do Senhor em Cristo (2 Coríntios 3:6-8, 14-18). Paulo termina 2 Coríntios com a bênção: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós” (2 Co 13.14). A maioria das demais epístolas de Paulo revela padrões semelhantes. Deus nos justifica e nos dá o Seu Espírito mediante a fé em Jesus Cristo (Gl 3.8-14). Deus envia o Espírito do Seu Filho aos nossos corações a fim de sermos filhos adotados de Deus (Gl 4.4-7). Os cristãos adoram a Deus no Seu Espírito e se gloriam em Cristo Jesus (Fp 3.3). Por determinação de Deus, os cristãos têm a salvação em Cristo e uma vida transformada no Espírito Santo (1 Ts 1.3-6; 2 Ts 2.13-14). Deus nos salvou mediante o Espírito Santo que Ele derramou sobre nós através de Jesus Cristo (Tt 3.4-6). É possível, no entanto, que a Epístola de Paulo aos Efésios seja uma das mais sublimes expressões da fé trinitária em todo o Novo Testamento. Deus nos escolheu j e nos predestinou para a salvação mediante Jesus Cristo e nos selou no Espírito Santo (Ef 1.3-14). Com esse fundamento, Paulo ora para que o Deus de Jesus Cristo dê aos cristãos o Espírito de sabedoria e de revelação (1.15-17). A respeito de Cristo, escreve: “porque por Ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito” (2.18) e nos tomamos “... santuário dedicado ao Senhor... habitação de Deus no Espírito” (2.21-22). Paulo ora de novo, e dessa vez pede que o Pai nos fortaleça mediante o Seu Espírito, de modo que Cristo habite em nossos corações e assim () conheçamos plenamente o amor de Cristo (3.14-19). Ele nos faz lembrar que há “um Espírito... um só Senhor... um só Deus e Pai de todos” (4.4-6). Não devemos, portanto,, entristecer o Espírito Santo, mas perdoar os outros assim como Deus nos tem perdoado em Cristo (4.29-32). Devemos ser cheios do Espírito, dando graças a Deus Pai em nome de nosso Senhor Jesus Cristo (5.18-20)

A Trindade no restante do Novo Testamento

O restante do Novo Testamento também dá testemunho de uma fé trinitária fundamental (embora sem definir uma doutrina formalizada da Trindade). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p150)

A palavra da salvação foi falada pelo Senhor, e Deus continua dando testemunho dela mediante os dons do Espírito Santo (Hb 2.3-4). Cristo se oferece a Deus como sacrifício de sangue pelos nossos pecados, pelo Espírito eterno (Hb 9.14). Os que rejeitam Cristo estão, com efeito, matando de novo o Filho de Deus, ofendendo o Espírito Santo e, portanto, têm a certeza de serem julgados por Deus (Hb 10.28-31; também 6.4-6). Pedro declara que somos conhecidos de antemão por Deus Pai, santificados pelo Espírito, e aspergidos pelo sangue de Cristo (1 Pedro 1.2). João declara que os cristãos têm confiança diante de Deus ao crerem em Cristo e permanecerem em união com Cristo mediante o Espírito de Deus (1 João 3.21-24; 4.13-14). Judas encoraja os cristãos a orarem no Espírito Santo, a se manterem no amor de Deus, e a esperarem na misericórdia de Jesus Cristo (Judas 20-21). No Apocalipse, o Filho de Deus declara ter autoridade do Seu Pai e conclama Seus ouvintes a prestarem atenção naquilo “que o Espírito diz às igrejas” (Ap 2.18, 27-29).

A fé cristã é fé trinitária

Para ser cristão, não é necessário conhecer nem compreender as expressões formais do trinitarismo que foram o resultado de séculos de reflexão sobre o Novo Testamento, diante das distorções heréticas daquela fé. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p151)

Por outro lado, para ser cristão, não se deve rejeitar a fé que a doutrina da Trindade foi projetada para salvaguardar. Além disso, para ser um cristão responsável, não meramente no sentido de obter a salvação pessoal, mas no sentido de ser um sócio ativo do restante de Igreja de Cristo na comunhão e serviço de Cristo, é necessário aceitar a doutrina da Trindade. Não aceitar a Trindade, depois de ter a igreja elaborado essa doutrina com cuidado e cautela como resposta aos ataques contra a sua fé, é negar que Cristo preservou a igreja através das devastações provocadas pelas heresias e apostasias, e com isso, é ofender implicitamente a Cristo (Mt 16.18; Judas 3-4).

Adore a Deus conforme Ele se tem revelado

As testemunhas de Jeová têm razão ao dizer que devemos “adorar a Deus segundo os seus termos” (Deve-se crer na Trindade?, pág. 30). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p153)

Mas, ao rejeitarem a doutrina da Trindade, (...). A vida eterna, conforme as testemunhas de Jeová indicam corretamente, depende de conhecer a Deus (João 17.3). A Bíblia, porém, deixa claro que ninguém pode conhecer a Deus sem conhecer a Cristo conforme Ele realmente é. De fato, Jesus indica em João 17.3 que a salvação depende de conhecê-Lo, também. O Apóstolo Paulo, que, como fariseu, parecia ter todos os motivos para estar confiante no seu conhecimento de Deus e na () Sua aprovação (Fp 3.4-6), considerava “todas as coisas como perda, por causa do valor superior de Cristo Jesus, meu Senhor” (Fp 3.8 TNM). Isso seria estranho se Jesus fosse simplesmente o mais sublime entre todos os seres criados, mas apropriado se, conforme já comprovamos, Jesus é Deus. O fato de Paulo considerar Jesus como Deus é indicado no contexto imediato, onde declara que, como cristãos, nós “temos a nossa jactância em Cristo Jesus” (v. 3 TNM), embora o próprio Paulo insistisse no princípio do Antigo Testamento: “Mas aquele que se gloriar, glorie-se no Senhor” (2 Co 10.17 TNM).

Conhecer a Cristo, portanto, é realmente conhecer a Deus: (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p154)

“Se vós me tivésseis conhecido, teríeis conhecido meu Pai; deste momento em diante vós o conheceis e o tendes visto” (João 14.7 TNM). Não somente isso, mas ninguém pode conhecer o Pai à parte de Cristo: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (v. 6 TNM). “Todo aquele que nega o Filho, tampouco tem o Pai. Quem confessa o Filho, tem também o Pai” (1 João 2.23 TNM). Se o filho fosse uma criatura, deveria ser possível conhecer a Deus à parte daquela criatura. Mas ninguém o pode, porque Jesus é Deus. Além disso, ninguém pode honrar a Deus se não honrar a Cristo. Realmente, Deus quer que todos “honrem o Filho, assim como honram o Pai” (João 5.23a TNM). A Bíblia contém muitas advertências contra a adoração às criaturas; contém, ainda, mandamentos para exaltar, honrar, adorar, amar, louvar, temer e servir a Cristo, e advertências contra aqueles que negam que Cristo é “o nosso único Dono e Senhor” (Judas 4 TNM). (Como Jesus poderá ser nosso único Dono e Senhor se Ele não for Deus?) Mas a Bíblia nunca adverte contra exaltar Jesus demasiadamente. Ninguém é nunca censurado por prestar-Lhe alguma () honraria que Ele não merece. Isso é porque Jesus Cristo tem “o nome que está acima de todo nome” (Fp 2.9), e está “muito acima de todo governo, e autoridade, e poder, e senhorio, e todo nome dado, não só neste sistema de coisas, mas também no que há de vir” (Ef 1.21 TNM). É, portanto, impossível exaltar Jesus demasiadamente.

A brochura das testemunhas de Jeová, Deve-se Crer na Trindade? lança a acusação de que a doutrina da Trindade “confundiu e diluiu o entendimento das pessoas a respeito da verdadeira posição de Deus” (pág. 30). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p155)

A doutrina da Trindade, no entanto, não é a origem a respeito da confusão no tocante à natureza de Deus. Pelo contrário, foi a negação dos ensinamentos bíblicos simples a respeito do Pai, do Filho e do Espírito Santo que levou à variedade estonteante de teorias a respeito de Cristo e do Espírito Santo, que exigiu, como resposta, a formulação cuidadosa e exata do significado da doutrina de Deus na Bíblia. É interessante que a brochura das testemunhas de Jeová cita o teólogo católico Hans Küng perguntando: “Por que deveria alguém querer acrescentar algo à noção da unicidade e da imparidade de Deus que possa apenas diluir ou anular tal unicidade e imparidade?” (pág. 30). No contexto, Küng está expressando com simpática compreensão a atitude para com a doutrina da Trindade expressa pelos muçulmanos, seguidores da religião de Maomé. (1) Küng passa a notar que os muçulmanos ficam igualmente escandalizados pelo ensino do Novo Testamento de que Jesus é o Filho de Deus. (2)

Na realidade, é o ensino das testemunhas de Jeová, de que existem muitos deuses, dos quais Jeová é o maior e () Jesus o segundo maior, que dilui ou anula a unicidade e a imparidade de Deus. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p155-156)

Sustentar que Jesus Cristo é Aquele que criou diretamente todas as coisas, que sustenta todas as coisas, que fez a grande obra de morrer pelos nossos pecados, que tem “toda a autoridade nos céus e na terra” (Mt 28.18), e que julgará o mundo - e passar então a negar que Jesus realmente é Deus, certamente subtrai a unicidade e glória de Deus. Somente o trinitarismo, que afirma todas as coisas gloriosas ditas a respeito de Jesus no Novo Testamento, mas que também afirma que Jesus é o Filho de Deus, enviado pelo Pai, e revelado a nós pelo Espírito Santo, preserva a unicidade e a imparidade de Deus à luz do Novo Testamento. Nesse caso, portanto, as testemunhas de Jeová, assim como a maioria dos antitrinitários, concordam com os judeus e os muçulmanos, e discordam dos cristãos, quanto ao significado de dizer que Deus é um só. Ao rejeitarem a Trindade, estão rejeitando aquilo que faz incomparável o conceito cristão de Deus, por contraste com todos os conceitos não-cristãos e subcristãos. As testemunhas de Jeová também alegam que a crença na Trindade tem levado a vários males - especificamente, à exaltação anti-bíblica de Maria, à perseguição dos antitrinitários, e às guerras nas quais os trinitários matam uns aos outros. Essa alegação, porém, simplesmente confunde a questão em debate. Nenhuma dessas coisas é, de modo algum, o resultado da crença na Trindade.

O título “mãe de Deus” aplicado a Maria não tinha, originalmente, nada a ver com a exaltação de Maria. A palavra usada era precisamente theotokos, palavra grega que significa “Portadora de Deus”. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p156)

Isso significa que a Pessoa concebida e nutrida no ventre de Maria era realmente Deus. Conforme já vimos, essa é uma doutrina bíblica. A expressão “mãe de Deus” parece, em muitos casos, subentender que Maria tem uma posição de autoridade sobre Deus, e fica claro que isso é falso; mas bem poucos (ou talvez nenhum) católicos entendem assim, e de qualquer maneira, o uso da expressão para exaltar Maria não tem nada a ver com a Trindade. A crença de que Maria é uma “mediatriz” (...), também não tem ligação com a doutrina da Trindade. A exaltação de Maria no catolicismo romano a uma posição próxima da divindade surgiu muito tempo depois da doutrina da Trindade, e nada tem de ver com ela.

Outra coisa que confunde a questão em debate é a referência aos trinitários que têm perseguido antitrinitários. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p157-158)

Embora tal coisa tenha acontecido, não foi como resultado da crença na Trindade, mas por sustentar a crença que o governo civil tinha a responsabilidade de castigar ou até mesmo de executar hereges. Quando e onde antitrinitários estavam no governo e sustentando uma crença semelhante a respeito do papel das autoridades civis, freqüentemente eram perseguidos os trinitários. Logo, a perseguição histórica de antitrinitários por trinitários, por lamentável que tenha sido, não refuta de nenhuma maneira a doutrina da Trindade. Deve-se manter em mente que a mera crença na Trindade não faz com que uma pessoa seja cristã. Para alguém ser cristão, precisa colocar a sua fé no Deus que é trino e uno, e não simplesmente reconhecer que Ele é trino e uno. Nem o fato de crer na Trindade é garantia de que as crenças e práticas do cristão sejam certas em todas as demais áreas. (...), o fato de alguns trinitários terem matado outros na guerra, embora seja lamentável, não serve de refutação da doutrina da Trindade. No máximo, serve de prova de que a crença na doutrina da Trindade, por si só, não garante que a conduta da pessoa, ou a conduta de nações inteiras que aceitam essa doutrina, seja consistentemente cristã. Mas simplesmente não existe conexão lógica entre a crença na Trindade e a participação na guerra. Essas são questões separadas, e tentar alegar que a verdade da Trindade é suspeita por causa das crenças a respeito da participação na guerra é simplesmente confundir a questão.

Confiança no Deus Trino e Uno

Jeová conclama o mundo a reconhecer que “não há outro Deus, nem alguém semelhante a mim” (Is 46.9 TNM). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p158)

Não é mera questão de saber o fato de que somente Jeová é Deus, mas de confiar somente em Jeová como Deus e Salvador: “Não fui eu, Jeová, além de quem não há outro Deus; Deus justo e Salvador, não havendo' outro além de mim? Virai-vos para mim e sede salvos, todos vós [nos] confins da terra; pois eu sou Deus, e não há outro” (Is 45.21b-22 TNM). É o trinitário que reconhece Jeová como o único Deus e Salvador mediante sua confissão que Jesus Cristo é verdadeiramente Jeová, e não uma criatura. Jesus Cristo é nosso Deus e Salvador (Tt2.13;2Pel.1),e Ele somente pode sê-lo se é Jeová. Mas simplesmente reconhecer essa verdade não basta. Precisamos confiar em Jesus Cristo como Deus e Salvador, pôr nEle a nossa confiança, e viver de uma maneira que o honre (Tito 2.13-14).

As boas-novas para as quais o Diabo cega as mentes dos incrédulos são as boas-novas a respeito de Cristo, “o qual é a imagem de Deus” (2 Co 4.4). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p159)

(...) A doutrina da Trindade foi formulada pelos seguidores de Jesus Cristo a fim de salvaguardar as boas-novas de que em Jesus Cristo nos encontramos com Deus face a face. Não foi elaborada a fim de deixar Deus menos compreensível, nem para fazê-Lo tão misterioso que o povo comum teria que depender dos clérigos e dos teólogos para compreendê-Lo em seu lugar (conforme acusam as testemunhas de Jeová). Pelo contrário, a doutrina da Trindade foi elaborada com o devido respeito à revelação que Deus fez de Si mesmo. As doutrinas das testemunhas de Jeová a respeito de Deus, de Cristo, e do “espírito santo,” por outro lado, foram elaboradas, não para representar mais fielmente o ensino da Bíblia, mas para reduzir Deus ao nível do entendimento humano.

Os trinitários estão dispostos a conviver com um Deus a quem não conseguem compreender plenamente. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p159) C. S. Lewis expressou o fato assim:

Se o cristianismo fosse alguma coisa que estivéssemos inventando, é óbvio que poderíamos torná-lo mais fácil. Não conseguimos concorrer, em termos de simplicidade, com as pessoas que estão inventando religiões. Como poderíamos? Estamos lidando com fatos. É óbvio que qualquer um pode simplificar as coisas se não precisar levar em conta os fatos! (3)

Crer nalguma doutrina - até mesmo na Trindade - não basta. (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p160)

Devemos colocar nossa confiança do Deus verdadeiro indicado pela doutrina. Devemos, também, repudiar aquelas doutrinas que negam “nosso único Dono e Senhor, Jesus Cristo” (Jd 4TNM). As testemunhas de Jeová precisam buscar a luz da verdade de Deus a respeito de Jesus Cristo (2 Co 4.6), verdade esta que pode libertá-las (Jo 8.32) das exigências de uma organização que toma sobre si ditar a elas o que devem crer. Somente Jesus Cristo, e não alguma organização religiosa tem as palavras da vida eterna (Jo 6.68).

Os Mitos, Gurus, Seitas e Grupos Religiosos de Hoje.

Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos, sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Romanos 6:8 a 10

Nós vivemos num mundo de muitas religiões. Há um renascimento do politeísmo através da chamada Nova Era; há também uma situação de auto-endeusamento da sociedade, até mesmo como subproduto de todo o progresso científico e tecnológico. Ao lado disso, esta é a época dos novos gurus, agora mais sofisticados, escrevendo romances, diários; são gurus tecnológicos, que usam o que há de melhor nos meios de comunicação para se fazerem ouvir. Entretanto, apesar desta profusão de mitos, gurus, seitas e grupos religiosos, até mesmo grupos suicidas — como freqüentemente vemos acontecer nos Estados Unidos —, o fato é que a única forma de escapar do inferno, de vencer o domínio do pecado, é unir-se aquele cuja morte satisfaz a justiça de Deus. Porque a humanidade precisa ser consciente de que o nosso problema é com a justiça divina, e a menos que a satisfaçamos, não há saída para nós, enquanto criaturas. O crime, a acusação que pesa contra nós é a acusação de rebelião, de traição, de auto-aniquilação — ou pelo menos, tentativa de auto aniquilação. E a única maneira de nos livrarmos das conseqüências deste crime — que são: natureza corrompida, escravidão ao pecado, habitação na dimensão das trevas — é satisfazendo a justiça, (...). O único que fez isso foi Jesus, que tinha condições de fazê-lo. À exemplo de Adão e Eva, Jesus também nasceu sem pecado, e, portanto, sem o peso da culpa da raça sobre os seus ombros. E não só nasceu sem pecado, mas manteve-se sem pecado durante toda a sua vida. Portanto, triunfando onde o casal Adão fracassou. E quando, então, após uma existência sem pecado, ele oferece-se ao sacrifício, porque ele é justo, a morte dele é uma injustiça do ponto de vista da lei de Deus, do ponto de vista da justiça cósmica. E Ele, então, entrega-se em favor de Adão e de seus descendentes; ele morre no lugar de Adão. E a morte dEle paga o crime de Adão, satisfazendo, assim, a justiça de Deus. Aqueles que se identificam com Cristo pela fé se identificam com a sua morte — é como se a morte dEle fosse, então, assumida como resgate pessoal para cada um. (...). Uma vez que morramos com ele, também ressuscitamos com Ele; estamos identificados com Ele, nós os que nEle cremos, de maneira que, ao final do processo, estamos não mais apenas escorados na sua morte, mas acima de tudo vivendo no poder da sua vida ressurreta. O que torna sem sentido toda a mitologia, toda a conversa dos gurus, das seitas e dos grupos religiosos de hoje, porque a questão central é a satisfação da justiça de Deus — só Jesus Cristo resolve. (Ariovaldo-Ramos - p 55-56-57)

Somente Jesus Cristo, e não alguma organização religiosa tem as palavras da vida eterna (Jo 6.68). Que Deus Pai liberte muitas testemunhas de Jeová, e pessoas doutras religiões também, “da autoridade da escuridão” e as transfira “para o reino do Filho do seu amor” (Cl 1.13 TNM). (Robert M. Bowman, Jr. 2008 p160)

Bibliografia

Apologética Cristã **ALAN RICHARDSON, B.D.**, Cônego de Duham, Capelão-Supervisor dos Bispos de Durhan e Sheffield

Tradução autorizada do Original em Inglês CHRISTIAN APOLOGETICS de ALAN RICHARDSON, B.D., Feita pelo Ver. Waldemar W Wey.

Impresso nas oficinas da CASA PUBLICADORA BATISTA 1958

RAIMUNDO DE OLIVEIRA / SEITAS E HERESIAS / Um sinal do fim dos tempos

Todos os direitos reservados. Copyright © 2002 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação de Original: Kleber Cruz Revisão: Patrícia Oliveira Capa: Eduardo Souza Projeto gráfico do miolo: Daniel Bonates Editoração eletrônica: Oséas Felício Maciel

CDD: 280 - Seitas ISBN. 85-263-0388-0

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

Casa Publicadora das Assembléias de Deus Caixa Postal 331 20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil / 23ª edição/2002

Eckman, James P.

Panorama da historia da Igreja / James P. Eckman; Tradução Emerson Justino da Silva.

- São Paulo: Vida Nova, 2005.- (Curso Vida Nova de Teologia Básica; v.4)

Título original: Exploring Church history.

Bibliografia. ISBN 85-275-0349-2

História das controvérsias da teologia cristã: 2000 anos de unidade e diversidade /

Roger E Olson; tradução Werner Fuchs – São Paulo: Editora Vida, 2004. =

Título Original: The mosaic of Christian belief / Bibliografia - ISBN 85-7367-742-2

Robert M. Bowman, Jr., também escreveu Jeovah's Witnesses, Jesus Christ, and the Gospel of John (As Testemunhas de Jeová, Jesus Cristo e o Evangelho segundo João); Understanding Jeovah's Witnesses (Entendendo as Testemunhas de Jeová) e Orthodoxy and Heresy (Ortodoxia e Heresia) / Copyright © 1989 by Robert M. Bowman, Jr. ' Publicado originalmente por Baker Books, a divisão da Baker House Company.

Tradução: Gordon Chown Revisão: Fausto Camargo Diagramação Sandra Reis Oliveira Capa: Magno Paganelli 1ª Edição: 1996 2ª Edição: 2001 3ª Edição: 2006 Esta é uma edição conjunta de

Romanos-**Ariovaldo-Ramos** Ebook-pdf.

Bíblia de Estudo de Genebra, Introdução à epístola de Paulo aos romanos, Pg 13161317, Editora Cultura Cristã, Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.